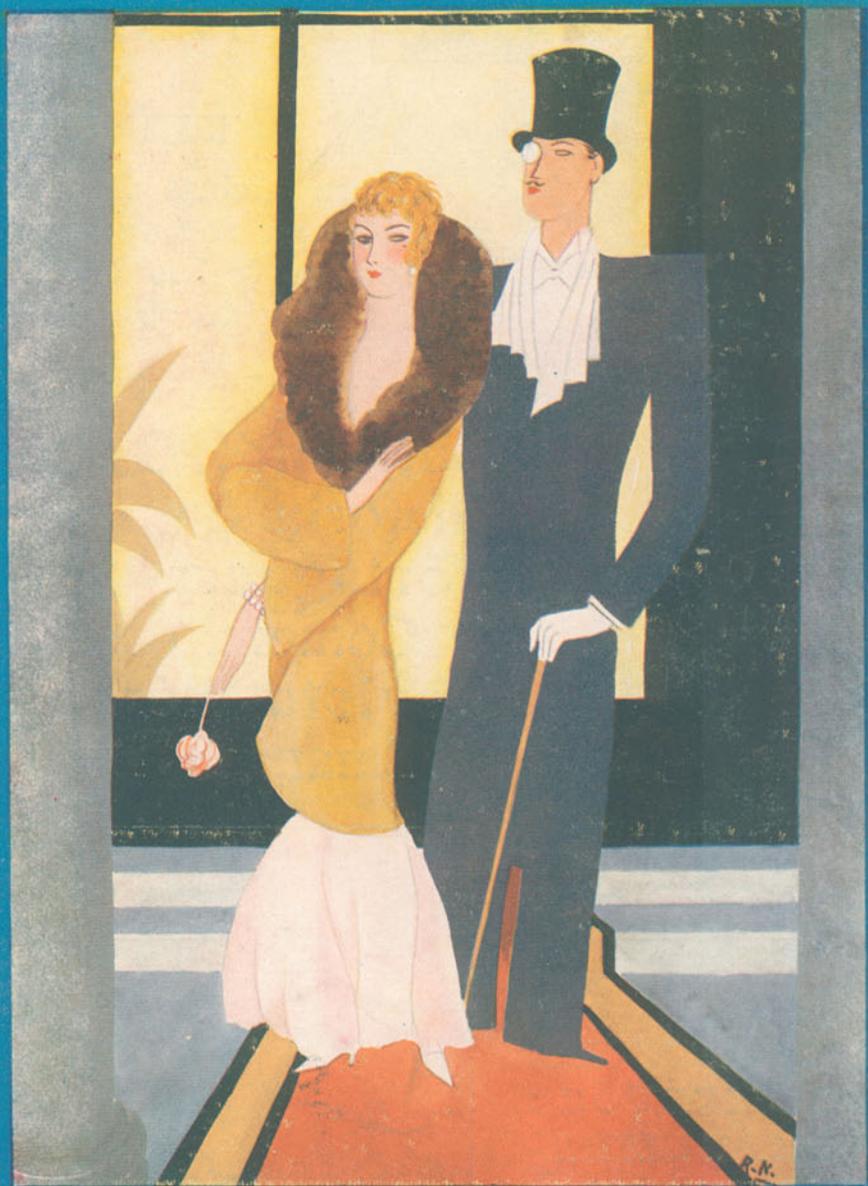


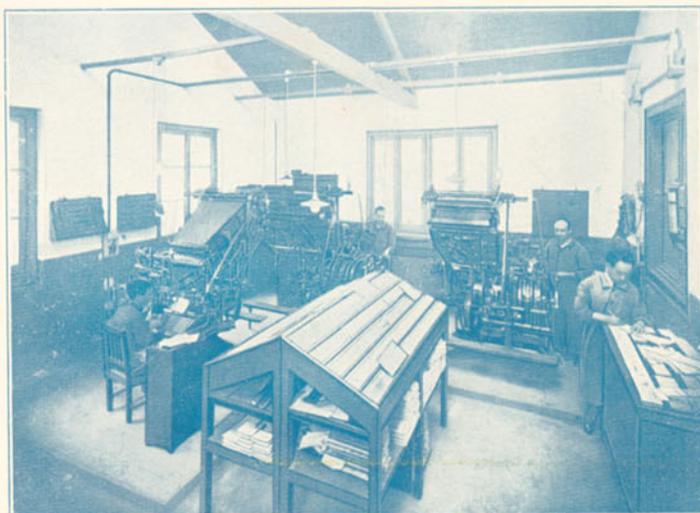
ILUSTRAÇÃO



ANO VI
NÚMERO 125

LISBOA, 1 DE MARÇO DE 1931

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO



Sala das máquinas "Linotype"

Sociedade Gráfica Editorial

S. A. R. L.

Rua da Alegria, 30
LISBOA

TRICROMIA
DESENHO
TRABALHOS DE
GRANDE ARTE
TRABALHOS
COMERCIAIS
INEXCEDIVEL
PERFEIÇÃO
ORÇAMENTOS
GRATIS

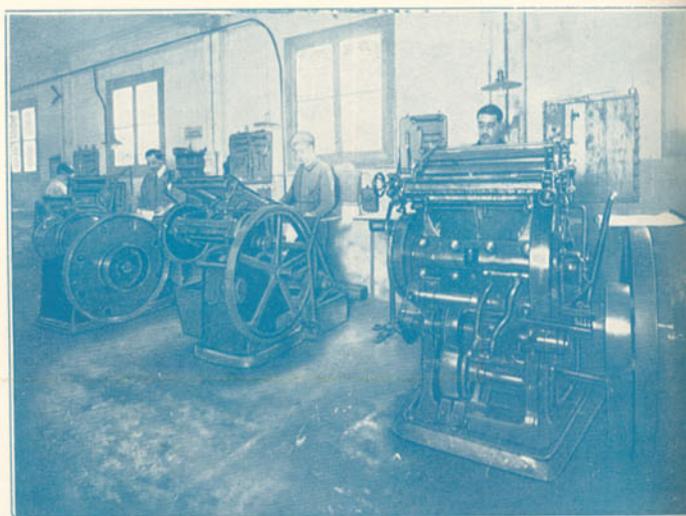
As mais modernas instala-
ções do país e aquelas
que maior capacidade de
produção possuem ~ ~ ~

SECCÃO ESPECIAL
DE PUBLICAÇÕES
PERIÓDICAS ULTRA-
- - - RÁPIDAS - - -

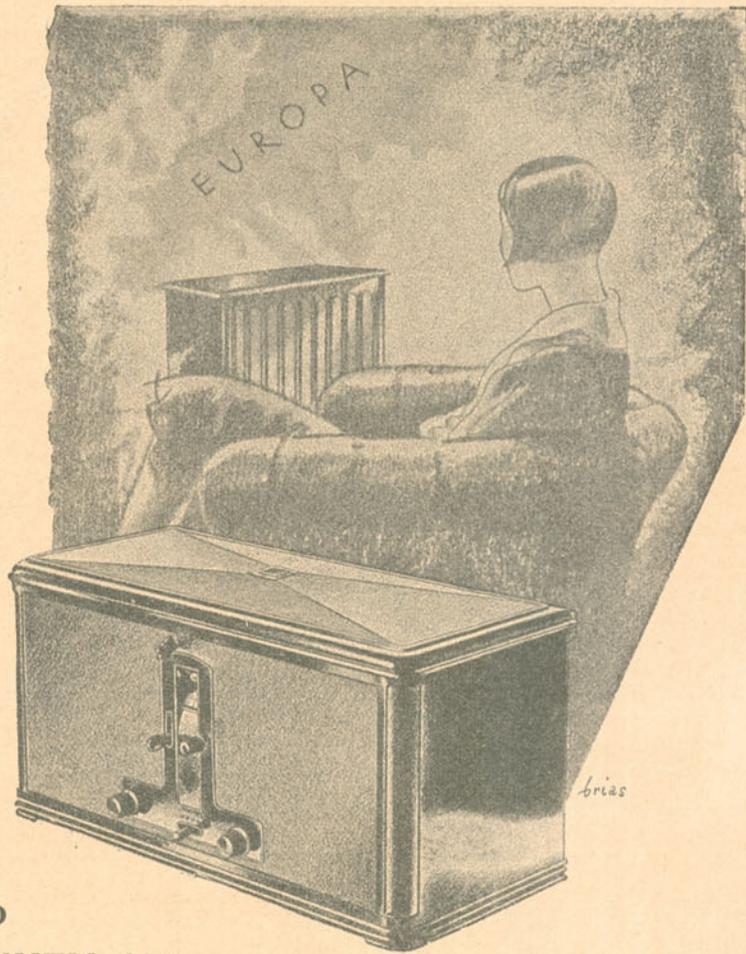
COMPOSIÇÃO MECANICA

E' nas oficinas desta Socie-
dade que se imprimem to-
dos os belos trabalhos
gráficos de

Ilustração, Magazine
Bertrand, O Volante,
Historia da Literatura
Portuguesa (Ilustrada),
O Comercio Português,
Revista Aéronáutica
Almanach Bertrand



Uma fase da oficina de impressão



Toda a Europa no
TELEFUNKEN 40!

TELEFUNKEN 40 em todo o Mundo!

TELEFUNKEN 40

Receptor europeu com selector de estações

O APARELHO DE RADIO QUE CONQUISTOU O MUNDO



Conjugado com um
alto-falante Telefunken
ARCOPHON

Preço incluindo valvulas:
Para corrente alterna... 3.000\$
Para corrente continua... 3.000\$



TELEFUNKEN

A MAIS ANTIGA EXPERIENCIA

A MAIS MODERNA CONSTRUÇÃO

Peça V. Ex.^a uma demonstração aos nossos agentes ou directamente á

LISBOA

Rua dos Fanqueiros, 12-16

AEG

PORTO

Rua Sá da Bandeira, 209-215

DITAMES E DITERIOS

por ALFREDO DA CUNHA

EDIÇÃO ARTISTICA

2.º volume — 15\$00

1.º e 2.º volumes — 25\$00

Desta obra escreveu João Grave:

«Sou de há muito um autêntico apaixonado de tudo quanto se refere a «Ditados», desde os dos velhos cancioneiros, desde os do Marquês de Santillana...

«Mas tê-los agora a muitos, a muitíssimos dêles, interpretados, glosados com fina ironia, em belos versos fluentes, em tôdas as rimas, nos mais variados metros, e tudo, a demais, numa linguagem correctissima, em que o apuro da forma é insuperável — eis o que é de admirar — e de agradecer.

«Ditames e Diterios» ficará clássico no capítulo tão interessante da literatura em que se enquadra.

«Livro encantador, que queremos ler a fugir, mas que temos de ler pausadamente para meditar na graça, no propósito, na filosofia prática que nos diverte e instrui».

À VENDA NAS LIVRARIAS

E NA FILIAL DO «DIÁRIO DE NOTÍCIAS»

LARGO TRINDADE COELHO, 10 e 11

ACABA DE APARECER

REFORMA DO CODIGO CIVIL

(Dec. n.º 19:126, de 16 de Dezembro de 1930)

Inserindo o texto integral que altera diversos artigos do Código Civil e também a explicação ou justificação sumária das várias alterações segundo a nota oficiosa fornecida pelo Ministério da Justiça.

PREÇO 8\$00 Esc.

Pelo correio, à cobrança, mais 1 escudo

À VENDA NA FILIAL DO «DIÁRIO DE NOTÍCIAS»
LARGO TRINDADE COELHO, 10 e 11

LISBOA

HISTORIA DE PORTUGAL

DE

ROCHA MARTINS

(2.ª EDIÇÃO)

D. Duarte (O Eloquente)

As tendências do rei e a de seus irmãos — A Rainha — O Cabo Bojador — Expedições a Tanger — A igreja e Portugal — O exército da conquista — O Infante Santo — O resgate do Infante.

REGENCIA DO INFANTE D. PEDRO

O testamento de Dom Duarte — Os partidos rivais — Tumultos na capital — Os príncipes de Avís — As lutas em Castela — O regente — As novas conquistas — O Infante Santo — A casa de Bragança — Fim da regência.

A 2.ª EDIÇÃO

«Historia de Portugal», de ROCHA MARTINS

Encontra-se já à venda na Filial do «Diário de Notícias», Largo Trindade Coelho, 10. **Preço 35\$00 escudos.** Envia-se pelo correio contra reembolso de Esc. 38\$00.

A' Classe Forense

CODIGO DO PROCESSO CIVIL ACTUALIZADO E COMENTADO

Esta notável obra, da autoria do distinto advogado dr. Azevedo Souto, acompanha em comentário todos os artigos do Código, inserindo no lugar próprio toda a legislação respectiva em vigor, e encerra, ao lado da doutrina, a mais importante e moderna jurisprudência.

O 2.º vol. é posto à venda em Janeiro.

Preço do 1.º vol. 60\$00

À VENDA NA FILIAL DO «DIÁRIO DE NOTÍCIAS»

LARGO TRINDADE COELHO, 10 e 11 — LISBOA



NALLY

MARCA ADORAVEL QUE A MULHER DESEJA

OS MELHORES PERFUMES

OS PRODUTOS "BENAMOR" SÃO PERFUMADOS COM ESSENCIAS DE NALLY

Encontra-se á venda o

Almanach Bertrand

FUNDADO POR FERNANDES COSTA E COORDENADO POR D. MARIA FERNANDES COSTA

Unico no seu genero em Portugal

A mais antiga e de maior tiragem de tódas as publicações em língua portuguesa. — RECREATIVO, AMENO, INSTRUTIVO. — Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros. — Passatempo e Enciclopédia de conhecimentos úteis, colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos

Um grosso volume de 400 páginas, cartonado ... **10\$00**
Encadernado luxuosamente **18\$00**

À venda em todas as livrarias

PEDIDOS AOS EDITORES:

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

32.º — ANO — 1931

**Aos Estudantes dos Liceus
e aos Professores**

Recomenda-se a Colecção Patricia

Que contém a história da nossa literatura em pequenos e elegantes volumes.

Os volumes publicados são:

- | | |
|---|------------------------------|
| 1 — Camilo Castelo Branco (2.ª edição) | 16 — Gil Vicente |
| 2 — Fialho de Almeida (2.ª edição) | 17 — Camilo e o Centenário |
| 3 — Os melhores sonetos bra-
sileiros (2.ª edição) | 18 — Júlio Denis |
| 4 — Alexandre Herculano | 19 — Júlio Dantas |
| 5 — Gomes Leal | 20 — Ex-libris |
| 6 — Eça de Queiroz | 21 — Sonetos contemporâneos |
| 7 — Guerra Junqueiro | 22 — Sá de Miranda |
| 8 — Eugénio de Castro | 23 — Nicolau Tolentino |
| 9 — Os eternos sonetos de
Portugal | 24 — Garcia de Rezende |
| 10 — A Batalha (2.ª edição) | 25 — Latino Coelho |
| 11 — Bocage | 26 — Soror Mariana |
| 12 — Marcelino Mesquita | 27 — Ramalho Ortigão |
| 13 — As mais lindas quadras
populares | 28 — D. João da Câmara |
| 14 — António Nobre | 29 — H. Lopes de Mendonça |
| 15 — Marquesa de Alorna | 30 — A Cerâmica |
| | 31 — Cartas de Soror Mariana |
| | 32 — Júlio Cesar Machado |
| | 33 — Manuel Bernardes |
| | 34 — Gonçalves Crespo |
| | 35 — Fernão Lopes |

Preço de cada volume da colecção: 2\$50

À venda na Filial do «Diário de Notícias», Largo de Trindade Coelho, n.º 10 e 11 e nas outras livrarias.

ACABA DE APARECER

o n.º 33 da

BIBLIOTECA DOS PEQUENINOS

• • •

**Novas Florinhas
de S. Francisco**

— DE —

RAMON MARIA TENREIRO

TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO À LITERATURA
INFANTIL POR

DULCE DE FIGUEIREDO

ILUSTRAÇÕES DE

ALFREDO DE MORAIS

LIVRO ENCANTADOR PARA CRIANÇAS
DOS 12 AOS 14 ANOS



À venda na Filial do *Diário de Notícias*

Largo de Trindade Coelho, 10 e 11
E EM TODAS AS LIVRARIAS

Este
é melhor,
...Mãezinha!



É o alimento mais saboroso que me tens dado! Não enjoa nem causa a mais pequena dor ou prisão de ventre. Sinto-me mais forte e até parece que cresço cada vez que tomo

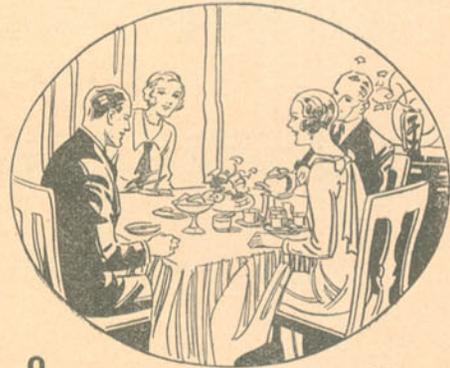
Allenburys

A Amamentação com os Alimentos "Allenburys"

MÃES!
PEÇAM HOJE MESMO
O NOSSO FOLHETO
GRATIS.



Allen & Hanburys Ltd.,
Rua dos Douradores 29, 1º, Lisboa



O **Verdadeiro**
Acolhimento

completa-se, oferecendo-se uma bebida agradável e que possui renome universal. A mesa de chá tornarse-ha mais convidativa, mais distinta, se a qualidade for



CHÁ HORNIMAN



Sómente em pacotes
de 14—50—125 e 250 gramas.



OLHAR QUE FASCINA

Com o ondulador **KURLASH** das pestanas

Que é um engenhoso aparelho que permite com o **Fard Rodal Cosmético**, em alguns segundos, arquear as pestanas tal como nós vemos nas artistas de filmes norte americanos. Transforme as suas pestanas em **farfalhas e longas** com os produtos **VILDZIENNE** e ondúle-as com **KURLASH**. Use na toilette da noite **Creme de Massagem Rainha da Hungria** e da toilette diária, **Água, Creme, Rouge e Pó d'Arroz** da grande marca **Rainha da Hungria**. **Peça catálogo gratis** e o **Estorjo-amostra**

com 7 productos 14\$00, pelo correio 15\$00 que embeleza, Rejuvenesce, Eterniza a mocidade!

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

— As mais luxuosas instalações —
Directora: **M.ª me CAMPOS**



AVENIDA DA LIBERDADE, 35

UM ARGUMENTO DE PESO



N.B.—ESTA BALANÇA
ESTA LEGALMENTE
AFERIDA

Mais de 150 anos

de justificada fama, garantem ser a **FARINHA DE S. BENTO** um poderoso alimento não só para crianças como para pessoas de todas as idades e, em especial, fracas ou idosas. Vende-se em todos os bons estabelecimentos e no Depósito Geral: R. DE S. BENTO, 374 — LISBOA. — Telefone Norte 3670

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
& FISIOTERAPICO DO ESTORIL

■■■

Banhos de agua fermal, Banhos de agua do mar quentes, BANHOS CARBO-GASOSOS, Duches, Irrigações, Pulverizações, etc.

FISIOTERAPIA, Luz, Calor, Electricidade médica, Raios Ultra-violetas, DIATERMIA e Maçagens.

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72

Comprai e dai a lêr aos vossos filhinhos o novo volume
DA BIBLIOTECA DOS PEQUENINOS

O PRETINHO DE ANGOLA

por CÉSAR DE FRIAS

com ilustrações de Ilberimo dos Santos

Desta narrativa encantadora, diz o crítico literário do jornal católico *As Novidades*, cujas opiniões a respeito das obras que lê se caracterizam por um severo espirito de justiça:

«O sr. César de Frias não é nenhum desconhecido no mundo das letras. Conquistou já um renome literário dos mais ilustres e é um jornalista de muito valor.»

«Temos de louvar incondicionalmente o seu último livro. Escrito em linguagem correctissima, arejada de beleza e de graça, desenha com mestria o carácter das personagens em acção.» «Inculca no ânimo das crianças muitos conceitos sábios da vida, conhecimentos úteis e até belos sentimentos patrióticos.» «Obra de mestre e grande mestre, *O Pretinho de Angola*. Uma novela que as crianças hão-de apreciar muito e que honra o sr. César de Frias.»

Preço: Esc. 5\$00

A' venda na Filial do DIARIO DE NOTICIAS

Largo de Trindade Coelho, 10 e 11

E EM TODAS AS LIVRARIAS

MAGAZINE
BERTMANN

CONTINUA A MANTER
A SUA SUPREMACIA

LEIAM O NÚMERO DE MARÇO

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

SERVIÇO DE MOVIMENTO

Repartição de Reclamações e Leilões

LEILÃO

Em 9 de Março próximo futuro e dias seguintes, às 11 horas na estação desta Companhia em Lisboa, Cais dos Soldados, e em virtude do Aviso ao Público A n.º 134 de 25 de Julho de 1927, do Art.º 114.º da Tarifa Geral e do Art.º 9.º da Tarifa de Despesas Acessórias, proceder-se-há à venda em hasta pública de lódas as remessas incursas nos respectivos prazos bem como de outros volumes não reclamados.

Avisam-se, portanto, os respectivos consignatários, de que poderão ainda retirá-los, pagando o seu débito à Companhia, pelo que terão de dirigir-se ao Serviço do Movimento, Repartição de Reclamações e Leilões na estação do Cais dos Soldados, todos os dias úteis até 7 de Março das 10 às 17 horas.

O leilão realiza-se no Armazem situado ao fim do molhe n.º 5 da referida estação de Lisboa, com serventia pela porta existente na rampa da Calçada de Santa Apolónia, defronte do gradeamento.

Lisboa, 14 de Fevereiro de 1931

O Director Geral da Companhia
(a) Ferreira de Mesquita.

ENTRE V. EX.^A NO 5.º CONCURSO
DOS
CHOCOLATES “NESTLÉ”

300 magníficos PREMIOS 300

entre os quais figuram:

- Um soberbo serviço de chá em prata lavrada.
- Um magnifico objecto d'arte regional em filigrana de prata.
- 10 esplendidos Gramofones suissos.
- 20 finos Relogios suissos.
- E muito mais premios de valor.

Para se entrar no 5.º concurso

Basta comprar 15 dos deliciosos chocolates “NESTLÉ”
e **Trocar** os seus envolucros exteriores na

CASA “NESTLÉ” - Rua Ivens, 11-13 - LISBOA

Por uma senha numerada que habilita ao sorteio dos
300 premios a realizar em Junho p. t.

No mesmo mez realizar-se-ha egualmente a
Deslumbrante matinée “Nestlé”

com um esplendido espectáculo de cinema sonoro e distribuição
gratis de goluseimas, brindes e 1.000 balões para as crianças

Dão egualmente direito a uma senha

- 15 tampas de latas de Farinha “Nestlé” ou
- 5 tampas das caixinhas do Queijo “Nestlé” ou
- 5 latas vazias de Leite condensado “Moça”

Entrar no 5.º Concurso é dar
a preferencia aos deliciosos
PRODUTOS “NESTLÉ”



Ditosos e saudáveis.

A mãe é feliz; seu filho cheio de vida. Ambos teem saude e são ditosos: ditosos, porque teem saude.

A saude, a abundancia e a alegria de viver acham-se estreitamente ligadas. Mas é a saude a base de todo o bem-estar. É da alimentação que o organismo deve tirar dia a dia o seu sustento e as forças que o dispendio quotidiano lhe fazem perder. Saude, capacidade de trabalho pressupoem pois uma bôa alimentação. Como explicar, então, que não cessamos de absorver alimentos completamente desprovidos de todo o valor nutritivo, e mesmo algumas vezes nitidamente nusivos? Os organismos robustos podem acomodar-se a esta anomalia durante alguns anos. Mas para a saude mais delicada das nossas mu-

lheres, e de nossos filhos sómente o que ha de melhor é que é bom.

Entre esse «melhor» deve collocar-se indiscutivelmente uma chavena de Ovomaltine ao primeiro almoço. Com effeito, o que é a Ovomaltine senão a concentração, sob a forma mais assimilavel, de todos os elementos nutritivos dos alimentos mais substanciaes?

A maior felicidade para um homem, costuma dizer-se, é uma mulher ditosa e saudavel, cercada de filhos saudaveis e ditosos.

Se sois d'esta opinião, começai pois a dar-lhes Ovomaltine



A

OVOMALTINE

é a saude

À venda em todas as pharmacias e drogarias
 Dr. A. WANDER, S. A., BERNE
 Unicos concessionarios para Portugal
 ALVES & Ca. (IRMÃOS)
 Rua dos Correios, 41-2º
 Lisboa



ILUS TRA ÇÃO

Ano VI ————— N.º 125

1 de Março de 1931

Director-Delegado: José Carlos da Silva
Director: João de Sousa Fonseca ..
Editor: Francisco Amaro

Redacção: RUA CECILIO DE SOUSA, 77, 1.º —
Telef. 2 1467 .. . Composição e impressão
RUA DA ALEGRIA, 30 — Telef. 2 0537 .. .
Assinaturas e Administração: RUA DO DIÁRIO
DE NOTÍCIAS, 78 — Telef. 2 3132 .. . Publi-
cidade: RUA ANCHIETA, 25 — Telef. 2 0535 .. .
Propriedade e edição de Aillaud, Ltd.ª e Em-
preza Nacional de Publicidade — LISBOA.



SUA SANTIDADE E A T. S. F.

A nossa foto é o único documento autêntico que reproduz o momento solene em que o chefe da Igreja Católica dirigiu a palavra, pela T. S. F., aos crentes de todo o mundo. Um dignitário segura no microfone e à direita de S. S. estão Marconi e o cardinal Pacelli. — (Foto Orrios exclusiva do «Ilustração»)

CRONICA DA QUINZENA

Os países de língua espanhola estão prendendo as atenções do mundo. O irrequietismo político dos sul-americanos parece exacerbado e alastrado nestes últimos tempos e já o México nos vai parecendo um divino paraíso ou a conferência da Paz se a compararmos com o vulcão em brasa das outras nações vizinhas do Brasil, já que este grande país, embora agitado, não entra, por ora, nas nossas apreciações. Cuba, Perú, Nicarágua, Argentina, Pôrto Rico, etc., etc, os mais importantes países do centro e sul do grande continente americano, debatem-se em lutas violentas. E se o general Sandino, em Nicarágua, faz heróicamente frente ao «Tio Sam» lutando, como um leão, pela independência do torrão natal, nem todos os muitos e vários generais implicados noutras revoltas dos países próximos mostram tão puras intenções.

E o mundo assiste, preocupado, à scena. A sua preocupação deriva, não só dos milhões de almas que habitam esse conglomerado de nações que podemos chamar América Espanhola, mas também do facto de se tratar de territórios cujas riquezas pesam, e muito, na balança económica do mundo moderno. Por isso, enquanto os Estados Unidos do Norte vão quebrando forças na conquista dum pequeno mas riquíssimo país, os restantes árbitros da paz universal olham, preocupados, a scena desoladora.

E já que falamos dos filhos turbulentos da grande Espanha, demoremos uns momentos os olhares sobre a política verdadeiramente empolgante do país vizinho. A situação parece a de um vulcão latente, por muito que se queira fazer crer o contrário. Esgotadas as tentativas de claudicação régia, suposta ou realmente sinceras, falhada a hipótese Sanchez Guerra porque os republicanos preferiram, inteligentemente, a situação definida a ferros de el-rei, à situação, absolutamente paradoxal, de ministros do rei, formou-se, de chofre, com todo o aspecto dos «coup-de-tete», o ministério de concentração monárquica para pacificação e volta à constitucionalidade. E neste ministério estão todos os partidos ultra-queimados, depositos por Primo de Rivera com o acôrdo da Nação!...

Poderá esta força política merecer a confiança do grande povo espanhol?

Como o Marquês de Alhucemas gritou um dia que a ditadura teria de pisar o seu cáver e está vivo depois de 8 anos sem constituição, e o Conde de Romanones predicou a divisão da propriedade e tem, ainda, uma das maiores fortunas de Espanha, provavelmente a sua nova atitude valerá para o público... o que valem os *duros* sevillanos.

AMÂNCIO CABRAL.



DR. GREGORIO MARAÑÓN

O eminente médico, homem de letras e político de destaque, Dr. Gregorio Marañón, a figura de maior relêvo nas modernas camadas do pensamento espanhol, acaba de lançar, com Ortega y Gasset e Perez de Ayala, duas celebridades mundiais, o programa do novo partido republicano espanhol, que já congrega, num movimento soberbo, a elite da intelectualidade do país vizinho e grandes massas conscientes. (Foto Orrios)

A CHEGADA
DE BLECK E CRUZ

DO SEU
"RAID,"



Bleck e Cruz, à sua chegada à Amadora, rodeados de lindas senhoras da sociedade que os ovacionou.



NO ALTO DA PÁGINA — Charles Henry Bleck, venerando desportista tendo à esquerda seu filho Carlos e à direita Humberto Cruz, heróis do Lisboa-Angola-Lisboa.

NO OVAL DE CIMA — Cruz e Bleck com o tenente-coronel aviador Brito Pais, a caminho da Câmara Municipal.



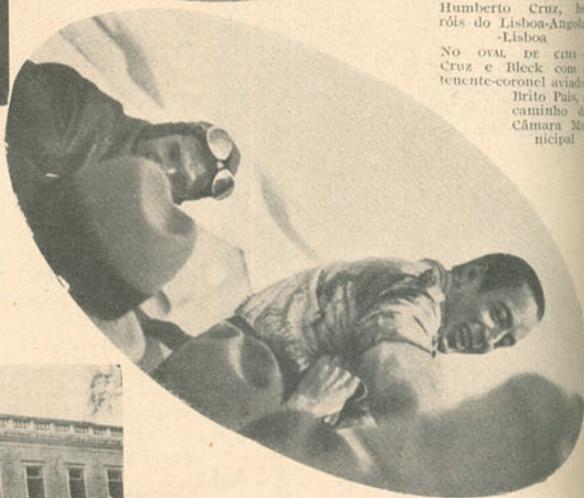
EM CIMA — Na recepção da Câmara Municipal. Os dois aviadores com o Presidente da Câmara, Director da Aeronáutica e alguns ministros.

NA OVAL, à direita — Cruz e Bleck arrebatados da carlinga pelo povo, na hora da entusiástica recepção na Amadora.

(Fotos H. de Novais)



Bleck e Cruz, na carlinga do Jorge de Castilho, no momento de aterrar no aeródromo de Benguela.



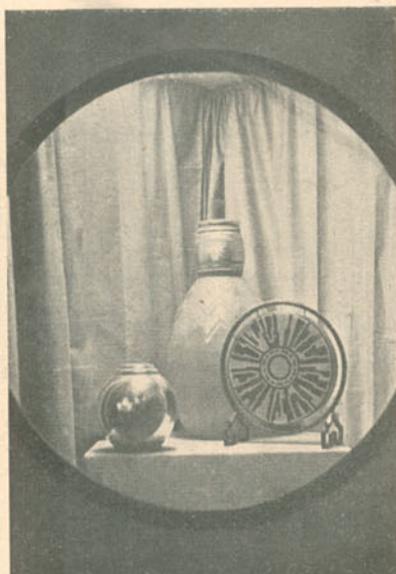
EM ANGOLA

A ESQUERDA — Os Paços do Concelho de Benguela, onde foram dadas as boas vindas aos heróicos aviadores, momentos depois de chegar o cortejo de automóveis que os acompanhou desde o aeródromo.



(Fotos gentilmente cedidas pelo Ex.º Sr. José Dias Martins)

ARTE E ARTISTAS



A EXPOSIÇÃO DA DECORAÇÃO FRANCESA

A decoração francesa, de tão nobres e ção dêste ano o prova exuberantemente. As belas tradições, entrou numa fase de nossas fotos reproduzem a visita inaugural franco e aberto modernismo. A sua Exposi- de Mr. Paul Léon, director das Belas Artes e três peças de Sèvres bem curiosas e arrojadas.

(Fotos Orrios.)



EM CIMA — Uma vista de conjunto da maravilhosa exposição

EM BAIXO — Outra vista de um recanto onde está o celeberrimo «Archeiro», uma das obras mais fortes do artista morto



A EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA DE BOURDELLE

NAS Tulherias abriu a grande exposição póstuma da obra gigantesca de Bourdelle. É a maior homenagem que a França pode prestar ao seu genial escultor. O êxito da exposição tem sido formidável, magnífico, como era de esperar da genialidade das obras expostas.

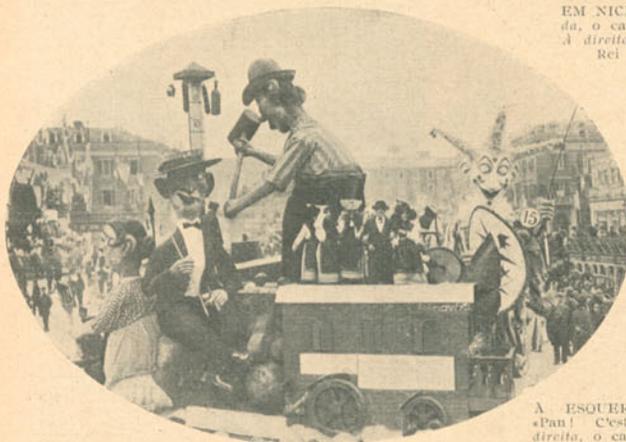
(Fotos Orrios.)



Antes da abertura da exposição. A porta do Museu da Orangerie, das Tulherias, vê-se desabalando as últimas estatuas do mestre insigne



EM NICE — À esquerda, o carro premiado. À direita, o carro do Rei Carnaval



A ESQUERDA — O carro «Pan! C'est gagné!...» — À direita, o carro «Faits divers dominicaux»

CARNAVAL DE NICE ■ CARNAVAL DE LISBOA



NO SENSABORÃO ENTRUDO LISBOETA. Em cima: Um «marmanjo» estilizado. Ao centro, em cima: Sinfonia da rua...



EM CIMA — Dns figuras características do Entrudo reles e miscrável; O galgo que rapon a cabeça e a ama sêca que pede um tostãozinho para a «vinhaça». Ao centro, em baixo: Uma elegante família vestida de ponto em branco e bem característica

(Fotos de Orrios e João Martins)



VEJAM!...

UMA FESTA SIGNIFICATIVA

O senhor Nuncio Apostólico em Lisboa, Monsenhor Beda Cardinale, ofereceu, no palácio da Nunciatura, um banquete de gala ao sr. General Carmona, S. E. o Cardinal Patriarca D. Manuel Gonçalves Cerejeira e ao Governo e corpo diplomático acreditado.

A solenidade que ofereceu raro brilhantismo, foi mais uma prova das optimas e cordeais relações existentes entre o nosso Governo e a Santa Sé, enorme força espiritual de decisiva importância no concerto das nações.



O QUE VAI POR ESPANHIA

NO OVAL, à direita — D. José Sanchez Guerra, o venerando político, encarregado da formação dum governo nacional e que declinou o mandato



EM CIMA — Uma manifestação republicana nas ruas de Madrid no momento de se saber que o monarca convidara Sanchez Guerra para presidente do Conselho



NO MEDALHÃO, à esquerda — Um flagranté na «Puerta del Sol». Vendedores ambulantes vendendo o retrato e o livro político do capitão Fermín Galán, fusilado em Jaca

NO OVAL, à esquerda — O almirante Aznar, que foi ministro no gabinete derrubado por Primo de Rivera e que agora, subitamente, deu a solução palatina da crise, formando o governo das direitas oportunistas

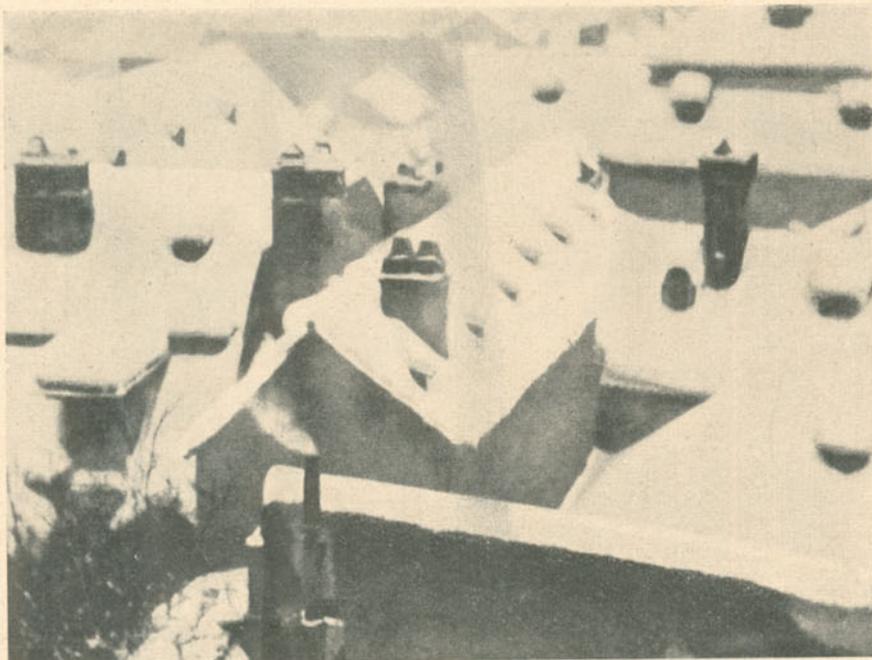


NO CANADÁ OS GELOS PERENES SÃO A ALEGRIA DOS «SKIEURS» E A FORTUNA DOS CAÇADORES DE PELES



UM ESPECTÁCULO CURIOSO. UMA MANIFESTAÇÃO DE... GUARDA-CHUVAS PROMOVIDA PELOS CAPACETES DE AÇO, EM BERLIM

EM BAIXO — NADA MAIS CAPRICHOSO DO QUE, NESTE FIM DE INVERNO ACRE E VIOLENTO, A PAISAGEM FINLANDESA. PELAS ÁRVORES E PELOS ARBUSTOS VAI UM FIAR INCESSANTE DE RENDAS DE MARAVILHA. OS BILROS MAIS DANSARINOS NÃO TECEM MAIS BELA TEIA DE MAIS ALVA ESTRIGA



AO CENTRO — UMA ALDEIA RUSSA SOB A NEVE, TEM O AR RARO DE UMA RARA FANTASMA GORIA DE FADAS OU BALADA TRISTE

EM BAIXO — UMA SENDA NA NEVE PEGADAS FUNDAS QUE ENCOBREM UMA TRAGÉDIA HUMILDE OU TESTEMUNHAM UM LONGO E PENOSO MARTÍRIO DE VIANDANTE

(Fotos «Orlows» e «Wieners»)



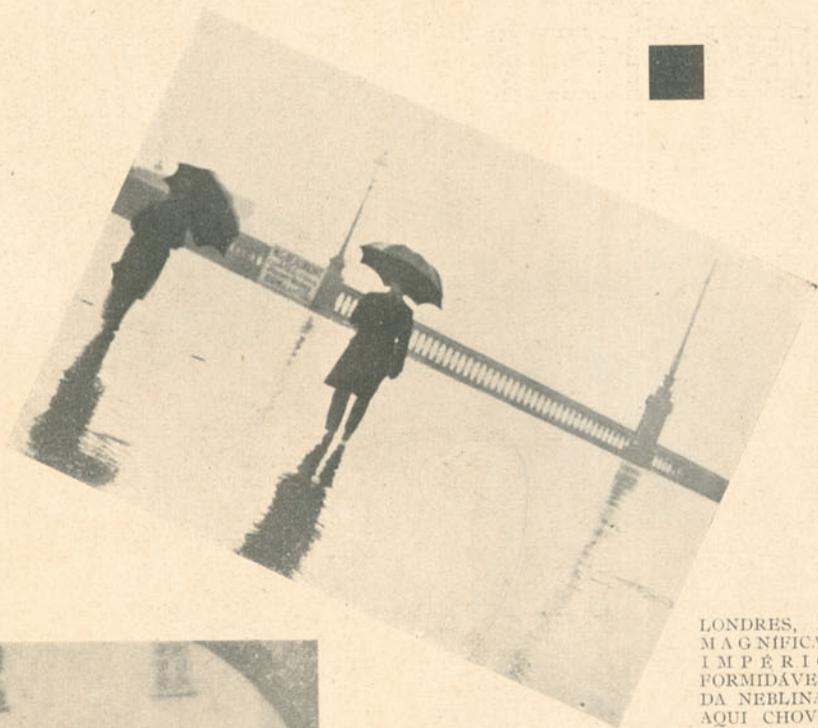
O INVERNO POR ESSE MUNDO



ULTIMAS CHUVAS...



SUIÇA, PAIS DE ENCANTOS, DAS RAVINAS E DAS AVALANCHES, DOS LAGOS TRANQUÍLOS E DOS BOSQUES DE ABETOS SÚLCADOS DE LONGOS TRILHOS SOBRE A NEVE... AQUI, AS CHUVAS SÃO TARDIAS E VIRÃO DERRETER OS GELOS...



LONDRES, A MAGNÍFICA, IMPÉRIO FORMIDÁVEL DA NEBLINA. AQUI CHOVE TODO O ANO. NUNCA ALGUÉM PODERÁ DIZER QUE, EM ALGUM ANO, SOUBE O QUE ERAM... AS ÚLTIMAS CHUVAS. SEMPRE, DE PRINCÍPIO A FIM DO ANO, OS LONGOS ASFALTOS ESCORRENDO...



NO PAÍS DE MADAME CRISANTEMO, NESSE DOCE PAÍS DE LACAS E LEQUES, AS CHUVAS ÚLTIMAS SÃO BORRIFOS TÍPIDOS QUE NEM DESTROEM AS LINDAS SOMBRINHAS DE FLEBIL PAPEL DAS MUSMÉS. E DEPOIS DESTES ÚLTIMOS BRILHOS DE ÁGUA, VÊM AS FLORES, AS AMÊNDOEIRAS PRODIGIOSAS E MAGNÍFICAS DESSE PAÍS ENCANTADO...

BUDAPEST. METRÓPOLE DA MISÉRIA EUROPEIA. A CIDADE COM MAIS FOME DO VELHO MUNDO. SOBRE ELA, A POBRE, AS CHUVAS ENCARNIÇAM-SE, VIOLENTAS, PERENES, INHUMANAS...

(Fotos Orrios.)

MASCARAS RAS INFANTIS

NO OVAL DA ESQUERDA — Menina Lizette Afonso Rodrigues Azenha, filha do nosso colaborador Mário Azenha, premiada na Figueira da Foz



AO CENTRO — Uma linda bonequinha. A menina Maria da Luz Conde Bordalo Pinheiro



UMA ANAFADA LAVADIEIRA — Menina Maria de Lourdes Freitas Martins, filha do nosso fotógrafo João Martins



EM CIMA — Dois palhaços engraçados: meninos Antônio e Emanuel Santos de Almeida

Um campino ribat e jãnc em sua faca — O menino Pedro Freitas Martins, outro filho de João Martins



(Fotos João Martins, Brasil, Artur Santos, etc.)



EM CIMA — O menino Carlos Alberto Barata de Sá Magalhães, filho e neto respectivamente dos nossos amigos e reputados comerciantes srs. João José de Sá Magalhães e Carlos Barata e Silva



A ESQUERDA — Uma linda dama romântica, a menina Maria Manuela de Castro Camacho



ANTONIO SOARES

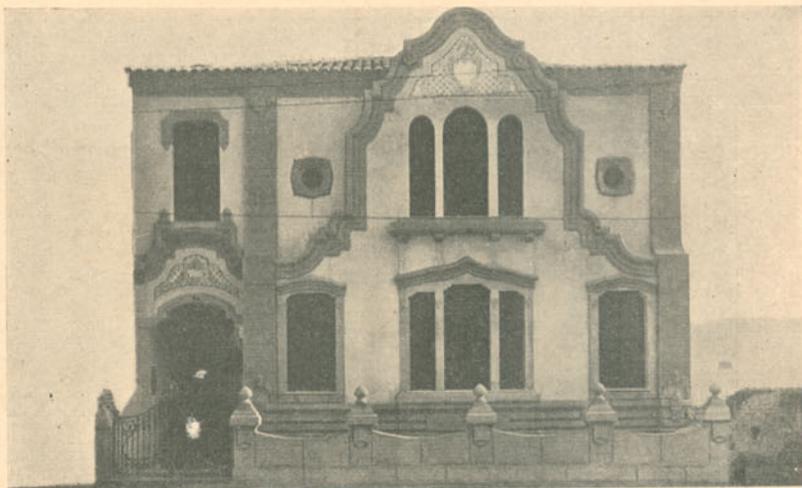
GENTE SALOIA

(ESBOÇO A PASTEL)

EM TERRAS DO BRASIL



O QUE É A “OBRA DE ASSISTENCIA AOS PORTUGUESES DESAMPARADOS DO RIO DE JANEIRO”



O edifício da «Obra de Assistência aos Portugueses Desamparados, do Rio de Janeiro»



A propósito da crise económica — reflexo da instabilidade mundial — do Brasil, as agências telegráficas têm aludido várias vezes à Obra de Assistência dos Portugueses Desamparados do Rio de Janeiro, que, em colaboração com outras instituições — entre elas também se destaca o Centro do Minho — vela pelos nossos compatriotas desprotegidos e sem trabalho.

Trata-se de uma Sociedade que ainda não atingiu uma dezena de anos, desde a sua fundação, mas cujos serviços em favor dos portugueses do Brasil merecem ser relembrados.

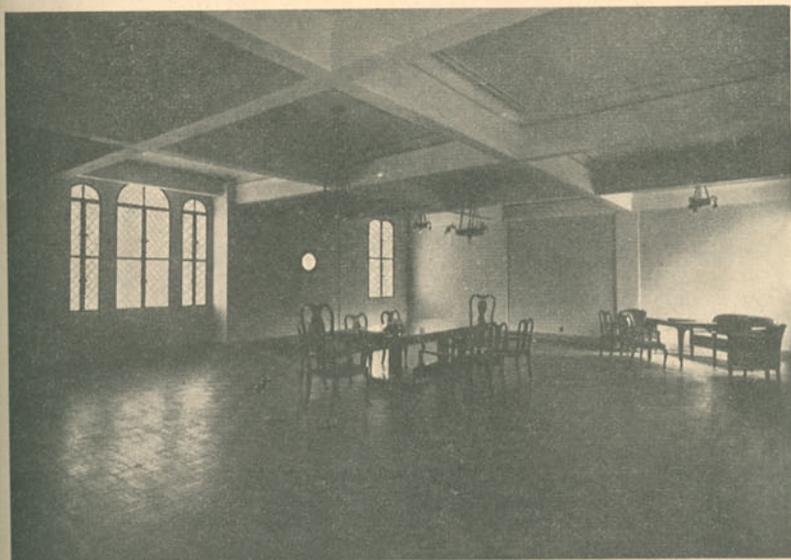
A ESQUERDA — A entrada do edifício da «Obra»



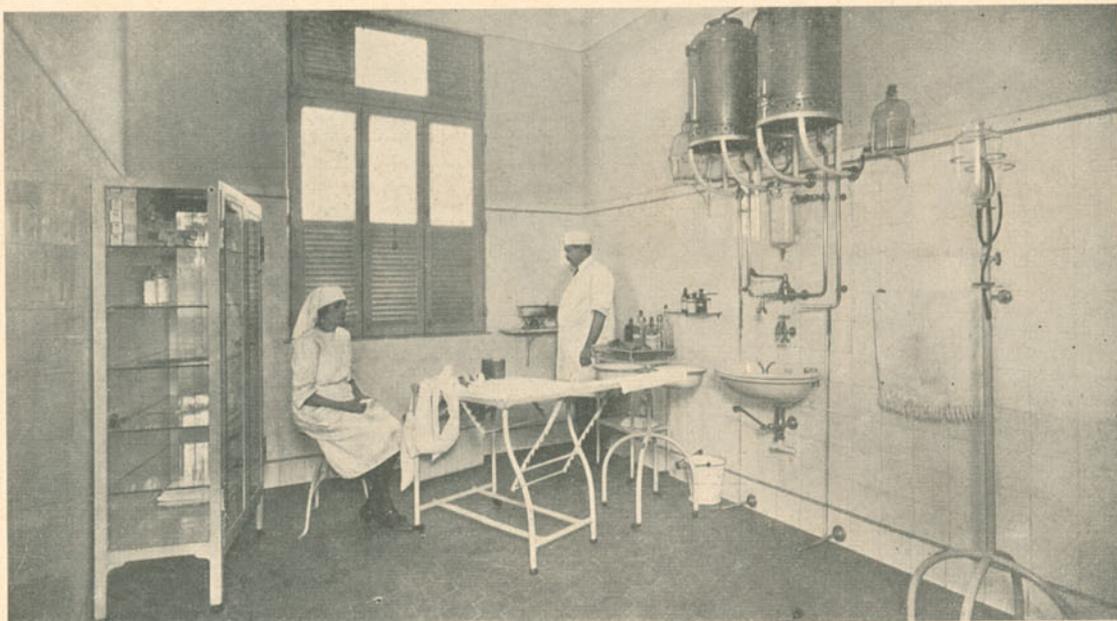
O dr. Jorge Monjardino, um dos grandes animadores desta benemérita «Obra», segundo o belo retrato pintado pelo malogrado Alves Cardoso

dos e louvados. Não que, de per si, tal associação baste para suprir as necessidades, decerto acrescidas, do momento actual, mas pelo que se concentra de patriotismo e bondade na tarefa a que se propôs e em parte tem cumprido, não obstante inúmeras dificuldades.

É, pelo menos, um núcleo de bem fazer mantido pelos portugueses, em proveito dos compatriotas necessitados. Nada de quanto até agora conseguiu, representa senão o levantado esforço da iniciativa particular, aliás despercebido no nosso meio. Salvo uma amá-



A ESQUERDA — O salão nobre da Casa da «Obra»



Uma das belas salas de clínica da «Obra de do Rio de

vel portaria de louvor, em tempos distantes, outra recompensa—e bem melhor seria auxiliá-la do que galardoá-la—lhe não foi ainda atribuída, talvez por bastante lhe faltar para atingir, em tôda a plenitude, os intuitos visados ao ser fundada. Nem por isso deixou ou deixará de porfiar na realização do seu programa, sabido que aos portugueses, saúdosos da Pátria, o maior estímulo para a prática das acções meritórias, advém, única e simplesmente, do seu bem querer a Portugal.

Esta Obra, cujos aspectos fotogrâficos da sua sede e do seu primeiro dispensário reproduzimos hoje, conta já com uma enorme soma de serviços prestados em qualquer dos ramos de assistência médica, farmacêutica e judiciária; em repatriações, socorros pecuniários, obtenção de empregos, etc., soma

A DIREITA — Um dos corredores do edifício

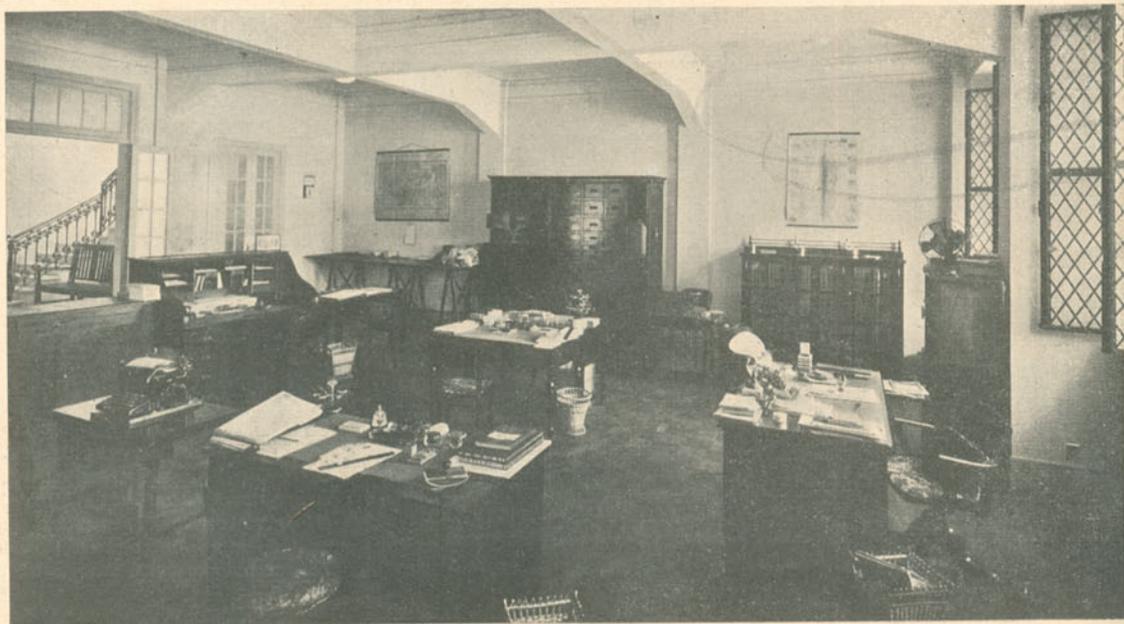


Assistência nos Portuguezes Desamparados, Janeiro.

essa que atinge alguns milhares e que por milhares de contos se avalia. Na presente ocasião, segundo se deduz das notícias telegráficas, ela não terá podido arcar com o excesso de responsabilidades que lhe exigiam e por isso, se não o motivou, accorreu, altruisticamente, ao apêlo das suas congêneres, no fito de suavizar, quanto possível a sorte dos nossos desamparados.

Seria o caso de averiguar se compete agora, aos portugueses de Portugal, exteriorizar reconhecimento e gratidão pelo que lhes tem valido, em diversas oportunidades, a generosidade dos portugueses do Brasil. Não lhes faltará, decerto, vontade de manifestar tão nobres sentimentos, mas resta saber se, nas horas atribuladas do presente, haverá ensejo de ao menos o tentar, nesta banda do Atlântico.

EM BAIXO — Secretaria e sala da Direcção da «Obra»



O PADRÊ NOSSO DAS FREIRAS A EL REI D. JOSE' I

É esta, que eu saiba, a terceira vez que vê a luz da estampa o célebre «Padre Nosso» que rezaram as freiras de Odivelas a El-Rey Dom Joseph o 1.º, em Agosto de 1776.

Ressuscitando-o não é meu intuito levantar polémicas sobre sua autoria, nem tão pouco discutir as virtudes que mais ou menos floriam, a par da veia poética, nos corações das gaiatas freirinhas. Trago o Padre Nosso a lume para dar aos leitores da *Ilustração* um ensejo fácil de lerem em bons versos a mais feliz adaptação da oração dominical.

Como os leitores verão, o «Padre Nosso» é uma sátira irrepreensível, uma peça literária que o próprio Bocage, mestre de rimas facetas, de bom grado firmaria. Tão perfeita obra é que os dois escritores que a êle se referiram puseram em dúvida o sexo do autor. Ambos reivindicaram para um macho a glória lídima da sua feitura. Sobre este ponto falaremos depois. Por agora digamos de passagem o que motivou a reza das freiras.

Após várias irregularidades, canónicas e não canónicas, na vida do Mosteiro, o visitador da Ordem, frade bernardo de ruim ventura talvez de rígidos princípios tentou, por medidas violentas, meter na ordem as monjas da sua Ordem.

As freiras que viviam, de havia muito, mimadas de privilégios e honrarias, recalcestram. Já uma vez, ainda no reinado de D. João V, se haviam revoltado abandonando a clausura e saíndo para a rua de

cruz alçada a pedir protecção à justiça do rei. Mas, como esta desde então lhes faltasse ou lhes não bastasse, cauçados os meios habituais de protesto, resolveram acabar por onde deviam ter principiado e... rezaram.



Rezaram a El-Rei o Padre Nosso seguinte, onde os frades bernardos ficam pior do que Pilatos no Credo:

A VÓS, AUGUSTO MONARCA
PEDIMOS COM HUMILDADE
NÃO NOS DEIXEIS O ABADE,
(PADRE NOSSO...)

VALHA-NOS O PODER VOSSO
QUE TÃO AFLITAS NOS VEMOS;
PELO QUE TÓDAS VOS DIREMOS
QUE ESTAIS NOS CEUS

ROGAREMOS SEMPRE A DEUS
SE AO PADRE CASTIGO DAIS
QUE DESDE LOGO SEJAIS
SANTIFICADO.

SEJA LOGO EXTERMINADO
POR INSOLENT E ATREVIDO
SEM QUE NUNCA MAIS OUVIDO
SEJA.

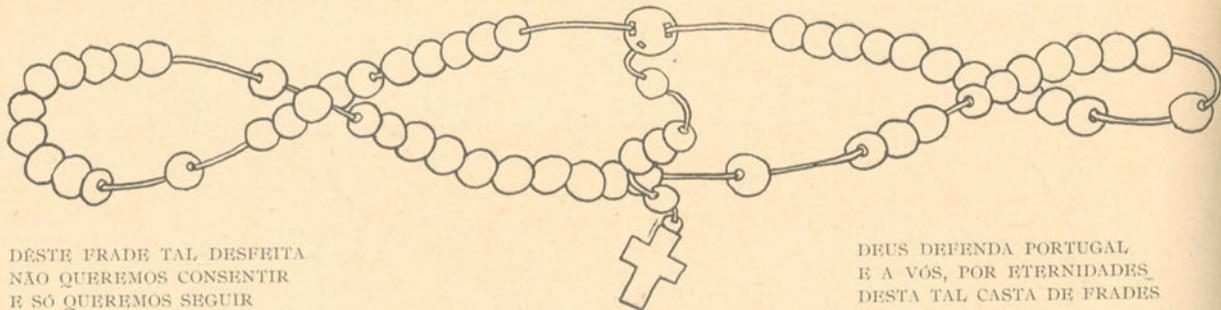
SE VEMOS NA NOSSA IGREJA
OS FRADES BERNARDOS FORA
LOUVAREMOS TÓDA A HORA
O VOSSO NOME

PARA QUE O BRUTO SE DOME
CASTIGAI-O COM RIGOR,
ANTES QUE OUTRO MAL MAIOR
VENHA A NÓS

PELAS PENAS QUE NOS POZ
AQUELE ANIMAL SAGRADO
FEZ QUE FÓSSE AMOTINADO
O VOSSO REINO

SENHOR, EM VOSSO TERRENO
UM BERNARDO, COM DOUDICE,
QUER QUE UMA TAL PARVOICE
SEJA FEITA.





DESTE FRADE TAL DESFEITA
NÃO QUEREMOS CONSENTIR
E SÓ QUEREMOS SEGUIR
A VOSSA VONTADE

SE DEUS A SUMA PIEDADE
NOS CÉUS COM SEUS SERVOS TEM;
FAZEI VÓS, SENHOR, TAMBÉM
ASSIM NA TERRA

APLACAI-NOS ESTA GUERRA
APAGAI-NOS ESTE FÓGO;
ASSIM FICAREMOS LOGO
COMO NO CÉU.

LOGRAREMOS O TROFÉU,
SE ELE NÃO FOR ATENDIDO;
PORQUE BEM NOS TEM COMIDO
O PÃO NOSSO.

TÃO GRANDE É O DESTROÇO
QUE ELE FAZ NESTE CONVENTO,
QUE PARA NÓS É TORMENTO
DE CADA DIA.

NENHUMA DE NÓS PODIA
SOFRER JÁ TANTO TORMENTO
POR ISSO DEFERIMENTO
NOS DAI HOJE.

NOSSA PACIÊNCIA FOGE
COM TANTA CALMA EM AGOSTO
MAS SE NÃO FOR VOSSO GÓSTO
PERDOAI-NOS.

COMO BOM REI DESPACHAI-NOS
COMO TÓDAS PRETENDEMOS:
QE ASSIM MELHOR PAGAREMOS
AS NOSSAS DIVIDAS.

SE NÃO FORMOS ATENDIDAS
NESTA NOSSA PRETENSÃO
ALGUM DIA OUTRAS FARÃO
ASSIM COMO NÓS.

A INJÚRIA TÃO ATRÓS
DE NOS IR QUEBRAR AS PORTAS
NEM ATÉ DEPOIS DE MORTAS
PERDOAMOS.

NESTA AFLIÇÃO IMPLORAMOS
O MANDEIS VÓS RETIRAR
PARA PODERMOS FALAR
AOS NOSSOS.

DE CUBIÇA SÃO UNS POÇOS
PELO MUITO QUE DESPEJAM;
E QUEREM QUE OS MAIS LHES SEJAM
DEVEDORES.

SÃO MUI FORTES COMEDORES
DO QUE NOS PODEM COLHER;
POR ISSO NO SEU PODER
NÃO NOS DEIXEIS.

VÓS LIVRAR-NOS BEM PODERIS,
E ASSIM NÓS O ESPERAMOS
PORQUE NAS MÃOS LHES NÃO VAMOS
CAIR.



SE CHEGAM A CONSEGUIR
CONTRA NÓS O SEU INTENTO,
FICAREMOS NO CONVENTO
EM TENTAÇÃO.

É CONTRA TÓDA A RAZÃO;
SENHOR, VEDE O QUE FAZEIS;
SOMOS VASSALAS FIÉIS;
MAS LIVRAI-NOS.

VÓS, NESTE APERTO AMPARAI-NOS
ANTES QUE A MAIS NOS REDUSAM
PORQUANTO ÉSTES FRADES USAM
DE TÓDO O MAL.

DEUS DEFENDA PORTUGAL
E A VÓS, POR ETERNIDADES
DESTA TAL CASTA DE FRADES
AMEN JESUS.

Como os leitores vêem é perfeito. Nenhuma das paráfrases que eu conheço apresenta uma inteireza de forma e de sentido que se possa comparar a esta.

Dai quererem os eruditos que não fôsse da lavra das freiras a engraçadíssima oração.

Porquê? Pergunta a minha ignorância. Quando uma idéa maliciosa germina entre mulheres não estará no melhor terreno para vingiar?

E, mesmo, a bretoeja dos versos satíricos já por várias vezes tinha grassado na casa de S. Bernardo.

Sem o mistério do anonimato antes firmadas com a valentia de uma assinatura andaram na bôca de tóda a côrte as décimas ciumentas que a madre Feliciano de Melo dirigiu a D. Afonso VI quando este a deixou enleiado nos olhos de outra monja chamada Ana de Moura.

Destas rimas ninguém talvez quisesse presumir de autor... porque sempre era brincar com quem

*Tanto tem de primoroso
Como de Rei e Senhor*

além de que a monja e poetisa não deixava os seus créditos por mãos alheias e a todos dizia as verdades sem o manto da fantasia. Ao Rei dizia ela:

*..... vossa afeição
Motivo tem que a desdoura
Pois adorais uma moura
Sendo vós um rei cristão...*

e a rival:

*Ana felice será
Mas nunca Feliciano.*

Não é verdade que não há razão nenhuma para negar às freirinhas a autoria do «Padre Nosso» quando as musas brincavam tão à-vontade pelos cláustros de D. Denis?

CASTELO DE MORAIS



CANTORES DE ESTRELAS

O ÚLTIMO REFUGIO
DO ROMANTISMO



Os pastores das *landes* com as andas que lhes servem para andar nos pântanos

O domínio agitado e permanente da vida da nossa época, tocado desse ritmo alucinante das grandes corridas, das alitivas e intermináveis viagens, constitui um defeito ou uma vantagem para a nossa existência? Resposta difícil. Necessário se torna que os anos tombem nos sepulcros do tempo morto, e um novo século surja, para que o julgamento exacto e consciencioso do século em que vivemos possa ser realizado com um volumoso processo de provas...

Hoje, vive-se tão vertiginosamente que, a bem dizer, não existe tempo bastante para se comentar e regular atitudes e situações. A faculdade de andar foi levada ao máximo, ao cúmulo. O Homem, que criou a máquina para vencer o tempo e poupar energia, sente-se comandado, despoticamente, por ela. Quere olhar para trás, para o dia de ontem, mas não tem minutos para voltar os olhos para o passado, a tal ponto a sua ânsia de lonjura o

absorve, não lhe permitindo intervalos, paragens, por mais pequeninas que elas possam ser!

* * *

Eu também adoro a vertigem do nosso século. Um dos grandes encantos da vida

moderna é esse, realmente, de fazer da existência uma viagem igual a um tiro disparado para longe, para o desconhecido!... Mas, desse modo, numa ininterrupta corrida, a engrenagem da vida de hoje consegue deprimir, enfraquecer... E, logo, na hora do can-



Outro pastor das *landes*, entre os pinhais bravios, com os seus rebanhos doces



Um pastor da Palestina guardando os seus felpejos carneiros

saço que não perdôa, vem o desejo de amplidões calmas e silenciosas, a que Claude Farrere fez já desenvolvida alusão num dos seus melhores livros. Sim. Há que temer, sob esta tempestade de positivismo, de materialismo, de velocidade e domínio cerebral, essa inevitável fadiga que nos esmaga quando topamos com o fim de tudo quanto procuramos! E cada vida que foi estremeçada de acção permanente, logo que é cingida pelo tédio, deseja, para acabar, silêncio e sonho.

* * *

Agora, resta saber se existe, nesta época de vertigem e inquietações, um único palmo de terra em todo o mundo onde o bulício e o materialismo não hajam chegado. Afirma-se, e com razão, que o romantismo morreu, e só nos museus se nos depararam os seus fantasmas... Onde estão, por exemplo, os sonhadores, os colecionadores de quimeras? Morreram também. E, por isso mesmo, se chega a supor que, depois de queimada a energia nesta marcha alucinante da vida moderna, não exista em todo o globo terráqueo um jardim, um ribeiro ou um caminho, tran-



Ao anoitecer, na charneca, a paisagem habitual do pastor

qüilos e silenciosos, onde se possa dormir, onde se possa sonhar!...

* * *

Felizmente, para além das cidades ruidosas, eléctricas e trepidantes, existem os montes,

as serras, onde o progresso não chegou, nem chegará jámais. Numa cidade cosmopolita pode, por conseguinte, sustentar-se, e verificar-se até, que o romantismo fechou os olhos — e acabou. Numa serra, pelo contrário, pode garantir-se que a vida moderna não existe.

Também no litoral os rebanhos de carneiros trincam a ervagem tenra



Aqui, anda o passado a comandar os gestos e a decretar os costumes. Ali, nos centros febris, onde o calendário está sempre certo, onde há uma ânsia permanente de caminhos novos, existe a indiferença por tudo que passou, que tem cabelos brancos...

Se querem, pois, encontrar os últimos domínios do romantismo, deixem as avenidas semeadas de automóveis em louca correria, tomem por estradas de vilas afastadas e quietas, e subam, por carreirinhos que lembram riscos de giz, até às serras de extensos horizontes, onde, só, de vez em vez, se encontram capelas brancas e vultos scismáticos.

* * *

Nas aldeias, nos retalhos de província em que os cidadãos poucas ou raras vezes falam, as tradições estão agarradas às gentes. Mais longe, mais acima, nos montes que lembram tapetes de urzes, onde cada pedra é um enigma e um fantasma de séculos esquecidos, tudo é quietação, sonho, onde um homem snob e de monóculo teria vergonha de si próprio, uma mulher de lábios mentirosos se sentiria pecadora, mas onde existem e vivem homens rudes que se enamoram das estrélas.

Já não são muitos os apaixonados das planícies e dos cerros, dos montes e das serras, mas alguns ainda se encontram, abraçados

à religião do passado, seguindo como seguiram seus pais e avós um destino puramente romântico. A maior parte dos países têm, hoje, ainda, refúgios românticos. Neste artigo aparece, de entre as gravuras que o ilustram, uma que nos mostra um pastor das *landes* francesas, que passa, entre os seus camaradas, por ser o poeta das estrelas. Afirma-se que é solteiro, que nunca pensou no matrimônio. Adora o céu, e, nas noites estreladas, recolhe tarde com o rebanho, porque fica, deitado, a cantar para as luzes do firmamento, como um apaixonado fim de século, desses que, outrora, se enamoravam das estrelas.

*
* *

Os pastores que existem em montes que ninguém cita, nem recorda, parecem figuras arrancadas de um album antigo, e, contudo, eles vivem e sentem, falam e andam, mas obedecendo ao coração e não ao cérebro, amando o silêncio e não o ruído. Vistos daqui, da montra destas páginas, em fotografuras, serão ridículos, talvez, só porque se vestem de modo diferente do nosso. Que importa, porém, a indumentária, se, ao compararmos sua alma com a de um cidadão, verificamos logo que ela é pura e anda lavada de pústulas e sombras!? Vejam esse pastor da Palestina, afastado dos cantos da outra Palestina que gargalhadas de europeus e americanos profanam por ordem do turis-



Grupo de ovelhas, em terra de semeadura, ao raiar o dia

mo. Na sua indumentária está a tradição, nos seus olhos guardam-se, como em gavetas dum colecionador de raridades, retalhos de sol e de lua. Fixem esse guardador de patos, seguindo o seu mundo de aves, muito pequeno e muito humilde, mas guardando na

memória canções e canções que o vento lhe ensinou, para o tornar feliz. Agora, esse pastor canadiano, que faz do gado o confidente dos seus sonhos, mas que o afasta de certas flores onde tem a impressão de ver escrito o nome daquela que o aguarda no

O pastor português, solitário, na serra sem fim





O pitoresco pastor canadiano, à beira dos lagos solitários

fim de cada semana, na aldeia próxima, e que um dia será sua mulher.

*
* *

Em Portugal, em certos montanhosos bocados da nossa pátria, existem também muitos fanáticos das amplidões desertas. Nas nossas serras, adormecidas durante quasi todo o ano sob colchas espessas de neve, andam numa vida permanente pegureiros de olhos agarrados à marcha dos seus rebanhos, a quem merece imensamente a pena escutar. No Janeiro de há três anos, na companhia de alguns amigos e camaradas, passei pela Serra da Estrêla, atravessei as suas gargantas, e tive a felicidade de encontrar um desses apaixonados da solidão. Falei-lhe. Devia ter mais de cinquenta anos, bem revelados nas rugas que lhe sulcavam o rosto, na ternura da voz e das mãos. Nasceu em Manteigas, nunca aprendera a ler, e, desde os oito anos, que tinha aquela encantadora profissão. Declarou-me que, em certo dia de há imensos anos, tivera que ir até à cidade. Por esse tempo, já ele amava, verdadeiramente, a sua serra, o seu rebanho; e, não soube se foi saudade ou surpresa, nostalgia dos carneiros e dos cêrros ou mal-estar num meio entre pessoas, que vestiam e gesticulavam dum modo diferente do dele, como asfixiado que deseja ar ou como prisioneiro que ambiciona liberdade, também ele, inquieto, pressuroso, partiu, logo que lhe foi possível, sempre a correr, até ao mundo serrano que tanto adorava. Seu pai fôra também pegureiro. Mas ele era só, sem mulher, sem família. Recordo esta sua frase: «A minha casa é esta serra». Era poeta, não porque algum vate por ali de passagem, alguma vez, lhe tivesse ensinado a arte de fazer versos. Não. A sua musa fôra a serra, com a sua vida quieta, quasi monástica, onde todos os dias as horas caíam como preces. Sabia cantar o vento agreste, violento, que lembra

precissão de remorsos atormentados; sabia cantar o sol, o incêndio de ouro, que espalha pinceladas de lume nas pedras centenárias que ali ficaram a assistir à passagem dos homens; sabia cantar a chuva, a chuva incessante, que apaga o horizonte em negrura e torna mais triste ainda a tristeza que existe nos sítios ermos.

Preguntei-lhe por que motivo não se casou, e ele respondeu-me: «Já estou casado... com a estrêla de alva, meu senhor». Disse-me isto, sem se sorrir, com um acentuado ar de convicção. Seria um cínico ou um doi-

do? Não era. Era como, afinal, o são todos os zagais, um apaixonado das estrêlas.

*
* *

Então, ainda se poderá afirmar que o romantismo morreu? Não pode. Onde impera a vida nervosa do nosso tempo não existe em boa verdade, o mínimo espaço nem há tão pouco pessoa alguma que viva ainda de quimeras e sentimentalidades. Contudo, o romantismo, não só aquele que formou uma escola literária, mas todo o que comanda a existência pela sentimentalidade, desprezando o raciocínio, êsse, que para tantos é a ambrosia desta vida, ainda existe, ainda se encontra.

*
* *

O romantismo fugiu para as serras, de onde partiu um dia em viagem pelo mundo, e para onde voltou quando o mundo, cansado de ser ingênuo e de sonhos, o desprezou. Os pastores, êsses reclusos dos montes, guardam-no e acarinham-no. Nada lhes importa o descrédito em que o mundo, tão entontecido de civilização, possa ter o seu culto romântico. Assim, olhando o céu, cantando as estrêlas, dormindo pelos montes perfumados de alfazema e rosmaninho, êles passam a vida num sonho e é, também, num sonho que êles entram na morte. Pelo contrário, o cidadão, o homem moderno, passa a vida num turbilhão, tão intensa que, quando não acaba num golpe cerce de fatalidade, acaba, geralmente, numa ânsia atormentada de sossêgo de corpo e de alma.

GUEDES DE AMORIM.

(Fotos Orrios
e João Martins)



Pastor anamita, guardando os seus minúsculos patos



EM CIMA, A ESQUERDA — DELICIOSO VESTIDO DE DESPORTO EM «TWEED» NEGRO OU AZUL ESCURO SALPICADO DE BRANCO, O TECIDO DA MODA, COM ORIGINAL CORTE DE CANHÕES E GOLA

NO OVAL — A LINDA ACTRIZ NICOLLETTE VILLOIS COM UM FORMOSO VESTIDO DE SETIM NEGRO E CREPE SETIM ESTAMPADO. CHAPÉU GRACIOSÍSSIMO ENQUADRANDO O LINDO OVAL DUM ROSTO SEDUTOR



EM CIMA, A DIREITA — O MESMO VESTIDO, NOS PRIMEIROS DIAS PRIMAVERIS. BLUSA EM CREPE DA CHINA BRANCO E TIRAS ORIGINAIS NEGRAS OU AZUIS. BOINA GRACIOSA EM MALHA CINZENTA

TÔDAS AS NOSSAS FOTOS SÃO EXECUTADAS POR BRUNO WINTERFELD, TRANSMITIDAS POR ORRIOS E EXCLUSIVAS DA «ILUSTRAÇÃO».





O Rei Vagabundo



LISBOA está sendo particularmente feliz com os seus espectáculos cinematográficos. A brusca invasão do cinema sonoro e a incontestável repulsa que o público teve, nos primeiros tempos, pela inovação, repulsa que se justificava, amplamente, pela inferior classe de quasi todos os filmes sonoros exibidos, obrigou os exibidores e os fornecedores a olhar, com atenção o problema. E logo, numa salutar reacção, começaram a chegar os filmes de sucesso. Com *A parada do amor* teve Lisboa a mais célebre opereta do sono-cinema e, diga-se de passagem, um espectáculo leve, gracioso e gentil que, com dificuldade, se poderá superar. Mas, a-pesar da grande perfeição apresentada, como os aperfeiçoamentos técnicos



Anita Page, uma das mais lindas artistas americanas



não se detêm nunca, surge agora o maior espectáculo actual do mundo a reproduzir-se também em Lisboa. Referimo-nos à grande ópera americana *O Rei Vagabundo*, da Paramount, 100 % cantada, falada e tencolor. Como na obra prima de Chevalier, foi um alemão o encenador desta nova maravilha. E se Lubitsch obteve uma imponderável espuma de alegria, Ludwig Berger obteve agora uma reconstituição romanesca, arrebatada, lírica, enfim, em tôdas as acepções deste termo. É ocioso determo-nos na apreciação técnica da película. Nunca, até hoje, a reprodução dos sons atingiu mais alta pureza, nunca se exibiu uma coloração mais suave e mais bem graduada, nunca a música e o canto foram mais belos em nenhum fono-filme.

Mas é a obra espectacular que deve merecer mais profundamente, a nossa atenção. *O Rei Vagabundo* é François Villon, o poeta bandoleiro, rei da corte dos sem terra e dos sem lei. Denis King, óptimo cantor e actor

Uma bela scena romântica de *O Rei Vagabundo*

elegante e convicto, se não nos faz esquecer a silhueta inolvidável que, no *mudo*, desenhou o grande John Barrymore, apresenta-se, em verdade, de uma sedução especial, como uma das belas figuras de Walter Scott. A seu lado, Jeannette Mac Donald, que em *A parada do amor* se revelara como a figura feminina mais completa do cine-sonoro, representa com o seu peculiar encanto, compõe uma figura ideal, espiritualizada, diáfana quási, e canta como ela sabe cantar. Mas, no capítulo interpretação, não fica aqui o prodígio; não se limita à arte consumada das primeiras figuras. No elenco há mais nomes notáveis e além de Lilian Roth, também triunfadora na super-opereta de Lubitsch, um actor de verdadeiro talento de composição O. P. Heggie e outros muitos valores incontestáveis, num conjunto que é condigno do esplendor do filme. Porque, para cúmulo da sua visualidade, o filme agora dado a conhecer a Lisboa, tem uma figuração sumptuosa e um conjunto de cenários riquíssimos. Ludwig Berger, por exemplo, na batalha às portas de Paris entre os vagabundos e os borgonheses, empregou, com a sua arte consumada, muitos milhares de homens ricamente armados e coirçados, obtendo efeitos visuais e sonoros que nunca mais esquecem a quem os ouvir.

Lisboa, repito, está em maré de sorte.



Uma das scenas principais de *O Rei Vagabundo*

Ontem *A parada do amor* e *Patrulha da alvorrada*, hoje *O rei vagabundo*, amanhã *Aleluia*

de King Vidor, *Nada de novo na frente ocidental*, *Quatro de infantaria* de Pabst e outros que já se anunciam... Em maré de sorte...

ÉCRAN.

UM GRANDE COMEDIANTE

Louis Wolheim, o grande actor característico do cinema, que acaba de falecer em Hollywood, de doença súbita, era uma personalidade inconfundível. Era o *villain* em toda a sua brutalidade repelente. Marinheiros vés-gos, alcoólicos, *bootleggers*, monstros, tudo havia na galeria de interpretações de Wolheim e de cada tipo ele realizava uma criação notável. Era o *homem mau* por excelência. Contudo, a sua última grande interpretação, no filme de guerra *Nada de novo na frente ocidental* era a de um soldado rude mas de uma simpática brutalidade. Isto prova como o malogrado actor era, de verdade, um artista completo.

O FUTURO DE CHARLÔT

O genial mimo de *Quimera do Ouro*, que acaba de obter o maior êxito de que há memória na história do cinema, com o seu filme *Luzes da cidade*, estreiado há semanas em Nova York, parece desejar ser o último paladino do *silencioso*. Vai começar a preparação do seu novo filme, que só daqui a mais de um ano estará terminado e que, quási com certeza, será localizado em Espanha incluindo uma corrida de toiros em que Charlie dará largas à sua inventiva burlesca e à sua arte inimitável.



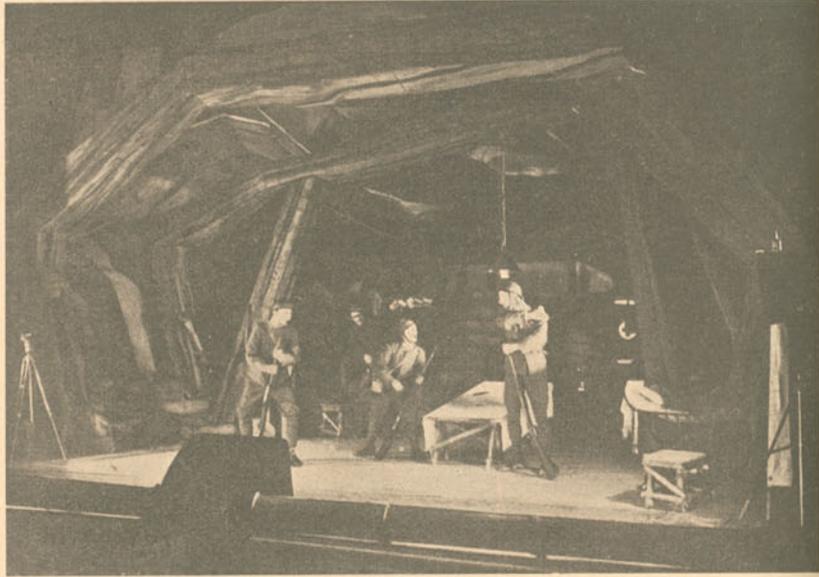
A ESQUERDA — Jeannette Mac Donald e Denis King, na grande scena amorosa de *O Rei Vagabundo*



**POR CÁ E LÁ
POR FÓRA**

A crise teatral portuguesa está tomando proporções verdadeiramente angustiosas. O público, com as suas receitas depauperadas pela crise geral, retrai-se dos espectáculos caros e mesmo dos baratos prefere, evidentemente, os que são, realmente, bons.

Ora como os espectáculos de teatro estão sendo caros e péssimos, mais o retraimento se acentua, sem que se lobrigue, da parte seja de quem fôr, vontade de reagir. Os cómicos continuam a não estudar os papéis, os directores a não saber escolher o repertório e, quando o escolhem, a dar as traduções aos engraçados *chavões* da graça nacional, que apresentam umas adaptações verdadeiramente irreconhecíveis, salpicadas da graça



Uma scena de *Eroi (Os heróis)* de Sem Benelli, representada em San Remo pela Companhia dirigida pelo eminente dramaturgo de vanguarda (Foto Orrios)

mais estúpida, imoral e baixa que pode conceber-se. E o resultado é que estão os teatros às moscas e, afinal, parece que com uma certa razão...

Faleceu o actor espanhol Emilio Mesejo. Nunca o seu nome passou as fronteiras como celebridade, mas no género cómico foi popularíssimo no seu país. Ultimamente, velho e doente, ingressara na companhia dramática de Borrás e fazia o género sério e o clássico. Quem escreve estas linhas viu Mesejo, há uns meses, em Madrid, no Teatro Calderón. Era parecidíssimo com o nosso saudável Cardoso, do Gimnásio, tanto no físico como nos processos. Mas, sem dúvida, o espanhol era actor de envergadura muito maior. A sua

naturalidade, a arte perfeita da dicção, a técnica magnífica, a inventiva e a inteligência histriónica eram nele verdadeiramente prodigiosas. Nunca o réclamo fêz dêle celebridade mas, representando ao lado de Borrás e Ruiz Tatay, Emilio Mesejo era o maior artista dessa magnífica trindade. E eu, confesso, considerei-o um dos mais extraordinários actores que tenho visto...

Paul Ginisty, no *Petit Parisien* deu nota da existência dum tal Baju, severo moralizador que se dedicou a purificar a obra de Molière para uso da infância católica. Assim, o nosso homem suprimiu de tôdas as comédias imortais, qualquer frase que podesse inquietar a inocência dos jôvens e não contente com isso teve a peregrina ideia de mudar em homens todos os personagens femininos para excluir a possibilidade de qualquer intriga amorosa. Por êste motivo, em *O médico à fôrça*, Lucinda converte-se em Luciano e até o *Casamento à fôrça* se chama, segundo Baju, parlamentarmente, *Candidatura à fôrça!*... E que tal?...

Em Itália, ao enorme successo de *Heróis* de San Benelli, em San Remo, succede o êxito de *A página dos escândalos*, de um autor que não revelou o nome, levada à scena no Eden de Milão. O argumento da pitoresca obra é o seguinte:

Uns jornalistas lutam calorosamente pela primazia e originalidade das noticias. Quando as não têm verdadeiras inventam outras em que surgem, êles próprios, como protagonistas, para maior interesse. Mas a fatalidade, servindo-se desta tirania a que o público submete os jornalistas, exigindo-lhes sempre escândalos e crimes, surge na intriga e gera um doloroso drama que o autor teatralizou com uma mestria que faz supôr que, detrás do incógnito se oculta um Pirandello ou um Rosso di San Secondo.



Alguns dos artistas infantis que formam parte da «Companhia do Music-Hall Infantil» que iniciou os seus espectáculos em Paris

IMPRESSÕES DE VIAGEM

Mu
lheres

de
Londres



Madelenn Wirthy, genial artista inglesa e verdadeiro tipo de beleza (Foto Orrios)

QUEM freqüente as salas de concerto ou teatro, vagabundeie pelas ruas, seja espectador das missas de domingo ou percorra âleas de parques, logo observa que a mulher atingiu aqui a hora sonhada por Ruskin quando pretendia que o sentimento da arte fôsse comum a todos. Mais do que em Paris, onde se nota claramente cada mulher-procurar o molde de seus vestidos, exportando aqueles em que o mau gosto da ostentação põe o selo do novo-riquismo agressivo, em Londres a rebusca à elegância que sirva de depoimentos pessoais de estética, é lei de tôdas as horas para o nosso bom-gosto porquanto admira que a educação de espírito fêz do vestir uma arte para encantar os olhos, casando a cor dos trajos e seu talhe com a beleza escultórica dos corpos flexuosos. Nada das tafularias com que a vaidade carnavalesca os carrega cá para as bandas da Europa ocidental. A simplicidade é norma fixa. Os figurinos não uniformisam vestes e abafos, antes cada uma pretende pessoalizar a sua toilette.

E porque assim é qual será a pátria dos rebanhos de *mistresses* caricaturais que todos nós observamos nas nossas ruas e museus, com seus trajos quási masculinos, óculos ou lunetas cavalgando o nariz, e das

misses de cabelos de estôpa, androgínicas, que Portugal inteiro importa para civilizar as nossas famílias burguezas, as *misses* sempre apegadas ao guia espiritual da sua bíblia, magníficas educadoras, asseveram, porque conduzem os seus educandos entre rigores de praxes e disciplinas, velhas aos vinte anos, mãos descarnadas de múmia? O nosso demônio íntimo, que ri fartamente dos ridiculos alheios em deslôrço antecipado contra aqueles que não de rir dêle, saboreava gulosamente o momento em que veria, fora do palco, as damas caricatas das comédias de costumes que o Ginmásio lhes dera, alemãs, italianas e até inglesas, compondo epigramas que melhor castigassem os seus passos de autômato a uma jarda cada, e os vestidos de xadrez tesourados sem moldes. Mas se o desmentido mais formal nos foi dado em Londres qual será a pátria de tôdas essas *mistresses* e *misses* caricaturais? Que identidade poderá haver entre os olhos sem luz das *misses* que estadeiam, mundo em fora, a secura dos seus modos, e a claridade radiosa dos olhos destas mulheres que passam ao nosso lado sorridentes, meninas, muito meninas, como se andassem enamoradas tôdas de um lindo sonho, e se todos nós, homens, fôssemos para elas os pagens a que sorrissem por troca de

gentilezas, lábios impregnados de candura, olhos luminosos por haverem banido do mundo crimes e pesares?

Se o impudôr que possa haver nos nossos olhares, quando as fitamos demoradamente, as espanta, como se lhes quebrássemos o encantamento; se as pupilas vivas das paixões as inquietam; se os gestos da vivacidade macabra dos amores alucinados lhes fazem medo onde havemos de procurar a *miss* masculina de pulsos fortes e castigo pronto para atrevimentos de homem? Se elas foram talhadas para as sensações tranqüilas mas duradouras, para benignos poemas de felicidade, para as idéas serenas das índoles amoráveis em exactidões bíblicas de sentidos, se, mais objectivamente, vivem para derramar sobre aqueles que elegem para seus companheiros de vida sentimental, a ternura cariciosa, blandiciosa, que embala o espírito, e nunca para acolherem as alucinações amorosas que as mulheres portuguesas procuram criar à sua volta com a inconsciência do temperamento de que é feito o seu destino de mães; se, à graça parisiense, por exemplo, que é feita de felonia, elas opõem a graça inglesa que é feita de ternura; se não podem mentir êstes olhos de candura, adoráveis de claridade, como para que vejamos a



THE SERPENTINE, HYDE PARK, LONDON.

51

Um local de divertimentos favoritos das inglesas. O Lago Serpentina de Hyde Park

alma, nem estes lábios que a mentira não arrepanha e que sorriem à felicidade com o sorriso de bonecas venturosas de casa rica em árvores de Natal: eu quero uma mais rosada, eu quero uma mais pálida, mas de rostos frescos em hinos de juventude eterna... — onde encontrar a *miss calipígia* dos *meetings* de Londres, capaz de proclamar a ditadura feminista?

Os nossos ouvidos guardam, ainda, e guardarão sempre, a melodia da voz desta rapariguinha de Londres, de dezete anos, sorridente, olhos azuis como azul é o céu, que ela certamente fita como altar de Deus, a interrogar seu futuro. É *chasseur* dum dos elevadores do Selfridge, uns grandes armazens de Oxford Street. Indica as secções: primeiro andar, modas, malhas, roupas brancas; segundo, lãs, sédas, perfumaria; terceiro, tapeçarias, móveis... O mesmo em todos os dias, o mesmo em todas as semanas, o mesmo em todos os anos. Pela fadiga da repetição, a sua voz deveria ser monocórdica, igual, cantilena sonâmbula duma voz adormecida. Pois é sonhadora a sua voz, como se nos contasse a história linda de qualquer ave que houvesse desposado uma flôr, ou usasse sempre daquelas entonações risonhas que nos dissessem dos seus passeios dos domingos, quando ela faz a ventura dum moço da sua idade, de alma sentimental, que, para ela, só para ela, compõe poemas, e para quem ela corre de braços abertos, como se dez anos tivera, criança, quando um encontro marcou junto do lago de Hyde Park — um raminho de flores que ela recebe, um beijo sem pecado que troca, um barquinho que desliza na água, como gôndola de esponsais...

Por entre risos dirá o que foi a sua semana: os ridículos que presenciou, os olhares de que foi alvo. Tudo o que a vaidade e quaisquer conveniências de ordem moral manda calculadamente calar, ela o dirá como em confissão. Vivendo longe dos torpes embaraços da mentira, julgará os outros e julgar-se-há com a liberdade de quem não teme reprimendas nem censuras. Serão espontâneos os seus juízos. Não reproduzirá conceitos literários, nem os terá próprios, porque viverá mais pelo coração do que embuindo-se em leituras que lhe possam falsear o carácter perfilhando prejuízos. Quando um espec-

táculo a emocionar, dirá, sem hipocrisias, sem preocupações de agradar ou desagradar a seu noivo, repugnada de vender a uma hipótese de casamento todas as suas aspirações ou conceitos, tudo o que, de bom ou de mau, houver pensado. Será ela, sempre ela, preferindo rir e tudo julgar como camarada, a aparentar a candura que põe o selo de malignidade onde há apenas um pormenor da liberdade de viver. Pela confiança em si própria, e pela confiança que, em homenagem ao seu carácter, exige a seu noivo que deposite nela, aludirá, risonha, aos *flirts* que sustentou, para se distraír, quando o *bus* ou o *tube* recolheu, em Piccadilly, uns estrangeiros de olhares gulotões, ou num chá, que não quis recusar nessa hora, porque lhe deu prazer. Conversará muito, dirá tudo, como a tirar a prática para essas horas de simpatia de todos os ingleses: o nevoeiro cá fora, o frio que trespassa a carne, e eles, junto do fogão, gozando, voluptuosamente amodorrados num *maple*, a visita cantante da sua mulher-criança...

Será assim em todo o dia. A única ruga de tédio aparecerá quando pensar na sua profissão: primeiro andar, modas, malhas, roupa branca; segundo..., terceiro... Mas logo voltará a sorrir. Trabalhando cumpre o seu dever de tornar-se útil. E como nunca perguntará a si própria se o trabalho não endurece o rosto, apagando a luz dos olhos, suportará alegremente todas as tarefas que o seu destino lhe impuzer.

Deshumano, com vil atentado à beleza, é o suplicio desta outra mulher, branca, muito branca, carne de leite e rosas, nos lábios um sorriso morto, e que alugou a sua cabeça a tanto por oito horas de trabalho, também ao Selfridge, e para a sua secção de cabeleireiro. É vê-la rodeada de respeitáveis mães de família, quarenta anos já dobados, entregando os seus cabelos aos caprichos das mãos secas duma mestra em penteados, que os compõe para de seguida os desmanchar, e mostrando-os, para que modelo escolham, aquelas que pretendam observar, em rosto de outrem, se a risca ao lado será de melhor efeito que a risca ao meio...

Preferia-a caixeira como em Paris, *modistilla* como em Madrid, florista como em Nápoles, e sem profissão como em Lisboa...

Em Londres devia ser *girl* do *London Pavilion*, por exemplo, onde dezenas de mocidades cantam poemas de ritmo alucinante com a graça e desenvoltura de seus corpos flexuosos, castamente envolvidos em vestes púdicias...

E por que não a perseguiriam, como em Portugal, os advogados saídos dos bancos das escolas, os filhos-família sem ocupação certa mas teimando em completar a face próspera e riso feliz com as conquistas dispendiosas de actrizes e coristas, a sua honestidade não correria perigos. Ela mesmo saberia defender-se exigindo para os seus esponsais o padre católico ou protestante da igreja do seu departamento...

Aqui não teria, como em Paris, de emprestar excitação visual aos olhos gulosos dos espectadores do teatro de revista, com a beleza escultural do seu corpo nú. As preferências do público de Londres, este público que adora a literatura infantil, o teatro de mera distração, que quasi não lê filosofia, para entreter suas horas livres com as novelas de bem urdido entrecho, nada exige mais nesse género de espectáculos, criados para os sentidos, do que a anedota pueril, a canção de ritmos extravagantes, e os grupos de *girls* que o distraíam com as evoluções certas e passos certos de autómatos maravilhosos ou bonecas-fantoches que o mesmo cordelinho mova. E quando chegasse a hora de algum empresário da França ir procurar ali as bailarinas para o seu teatro, ela hesitaria em desnudar seu busto, mas acabaria por decidir-se à abalada para Paris quando lhe fôsse satisfeita a exigência da libra diária, que não ganha em Londres, e a companhia da mãe, que ela não abandonará nunca porque é seu único amparo. Embaixatriz da beleza, iria desmentir a calúnia decorada dos povos do Ocidente que a pretendem ver a ela, e a todas as mulheres inglesas, como criaturinhas pobres de formas, insexuadas!...

Seria este o seu caminho na vida, se não conseguisse ultrapassar as suas colegas, mas se tivesse um pouco de voz, um pouco de alegria e muita desenvoltura, então, como em qualquer emprêgo, ela teria seu pósto



Grupo de inglesas que cultivam o sport do remo: A equipe do «St. Georges Rowing» (Foto Orloff)

de acesso. Seria actriz de nomeada, como de nomeada é hoje Beatrice Lillie: um sorriso ingénuo, uns olhos inquietos em rosto de oval puríssimo, e uma demarcada tendência para encontrar exotismos que não deixem de participar da ingenuidade. Teria, como ela, aos sábados e domingos, à porta do seu teatro, as filas de mulheres e homens que aguardam pacientemente a sua vez de adquirirem bilhetes. Cem, duzentas, trezentas pessoas, sem um gesto de arrelia ou enfado, respeitando o lugar de cada um. E então, reconhecida por essas anónimas admirações, criaria para elas quinze, vinte rúbulas, sem sentir cansaço, multiplicando-se, não só porque o elenco do seu teatro seria pobre, como pobre em número de artistas são sempre os elencos dos teatros ingleses, e sorriria agradecida, como se todo esse esforço não a houvesse esgotado. Ela saberia que a simpatia do povo inglês pela actriz que elegeu exige sacrifícios. Toda uma revista seria ela, como toda uma revista, em Londres, é sempre a actriz que o empresário escolheu para primeira figura do seu teatro, forçando-a a um trabalho exaustivo.

Na sua quasi totalidade, dividida a população feminina que trabalha entre as profissões de caixa e dactilógrafa, distinguem-se bem a mulher que todos os dias recebe, a um balcão, a burguesia de Londres, nada exigente, sabendo cada qual o que tem de adquirir, e esta outra de dedos compridos, afuselados, como se fizessem reboar os românticos órgãos das igrejas. As suas mãos não tocam as rendas, as sedas e os veludos que as tornariam subitís. São mãos desarticuladas, ósseas, que foram definhando-se de carnes ao martelar as teclas da sua máquina de escrever, alinhando, em todos os dias, os milhões de algarismos das facturas comerciais. Seu rosto é grave, dois vincos aproximando sobranceiras. De tanto reproduzir cartas, que tratam de interesses, secou de aparência, e mais seu sonho se encolheu dentro dela para que ninguém o pressentisse lastimando-a. Todos os dias, e para os mais distantes países do globo, ela endereça as cartas, avisos, circulares que movem o mundo formidável dos interesses. Conhece o mapa, sabe os dias em que um paquete toca na Austrália, na Zelândia, na Polinésia, nos mais exóticos países, e entristece porque não os visitará nunca. O navio que faz estafeta para a correspondência que ela escreve, conduz a bordo dezenas de mulheres que não têm o interesse que ela tem em vêr, em observar, essas terras de maravilha. E ela ficará sempre ali, em frente da sua máquina de escrever, o seu calvário porque é o seu ganha pão irremissível, enquanto outras, para quem talvez concorra com o seu trabalho para uma vida de perspectivas sempre renovadas, receberão as homenagens dos homens que ela ambicionava ter por marido, entrarão em contacto com civilizações, costumes e povos que ela acalentou sempre o sonho de conhecer. E a mulher mais masculina de Londres porque a monotonia da sua existência a endureceu de aspecto. Conhece as cotações da Bólsa, trabalha em câmbios. Em seu falar prepassam constantemente as frases duras que costumam castigar, ameaçando, os devedores relapsos da casa comercial que ela serve. De tanta história ouvida, de tanto facto que ela decorou para a preve-



Um manequim na Feira das Indústrias Britânicas
(Foto Orríos)

nir contra a sociedade, vem o seu desinteresse pelo mundo que a rodeia. É então que o seu sonho a leva a procurar na política, ou nas ideias sociais, um mundo mais perfeito em que possa viver. Fêz o triunfo dos trabalhistas, como fará amanhã o triunfo das doutrinas sonhadas do bem-comum, quando um iluminado, com auréola de santo, as venha pregar e defender nas praças públicas ou nos estados livres do Hyde Park.

A sua vida recolhida, de horas livres para o raciocínio, fê-la mais intelectual do que o homem. E porque sofre, e porque o seu egoísmo não está tão sujeito ao egoísmo alheio como o egoísmo daqueles que manejam directamente interesses, tem maiores necessidades de espírito, acalentando mais e melhor as rebeldias. Não realiza o sonho do encanto feminino, mas é discreta e boa, acolhedora e irmã, partilhando das nossas tarefas. Estamos mesmo em afirmar que o seu exemplo de trabalho e estudo contagiou as mulheres da alta burguesia que fornece ao Estado os homens de governo e diplomacia. Em regra, um ministro da Inglaterra não fala mais que a sua língua, mas sua mulher fala adorá-

velmente o francês. E é vulgar que mãos femininas guiem automóveis, consentindo-nos, pelo vagar do seu andamento, que observemos um respeitável senhor, alheado do movimento das ruas, consultando atentamente os seus papéis, pasta aberta sobre os joelhos, aproveitando avaramente o tempo e poupan-do, não menos avaramente, o ordenado dum *chauffeur*.

Sem perderem seu encanto, úteis sem petulância, olhos, rosto e lábios sorridentes, até em comemorações históricas as mulheres inglesas se encarregam de reacender fervores de adoração aos grandes vultos da Inglaterra. Numa manhã de Outubro, observamo-las, açodadas, adornando a flores a coluna de Nelson, ouvimo-las ler pequenas memórias, encontramos-las nas grandes artérias da cidade vendendo medalhinhas, fitas e retratos, cujo preço ajuda a manter obras de caridade. Como os homens de pouco tempo dispõem para olhar o passado, elas tomam-lhes o lugar. Relembrem Nelson e Dickens, guerreiros e poetas, pintores e estadistas, como para elas tomaram o encargo de espargir rosas e orquídeas por sobre as sepulturas e memórias da cripta da catedral de S. Paulo ou da abadia de Westminster. E não se pense que só procuram estes fervores quando velhas e gastas, deixaram de escrever, da sua vida, os capítulos amorosos. Vemo-las de todas as idades, muitas delas sorrindo em galas da juventude, e a maioria ostentando as graças mimosas dos vinte anos.

Por efeito destes tempos difíceis do após-guerra, com o seu cortejo de miséria e fome que acumula o rançor que prepara o Futuro, aumentou o rebanho das vendedeiras de sorrisos de Piccadilly, e fez mais numerosos os grupos líubricos do Hyde Park, que a noite dissolve. Ontem como hoje, hoje como amanhã, fazem número todas as mulheres que o trabalho fatigante, o trabalho para além das forças, expulsou das fábricas, dos escritórios, e a quem a crise do desemprego proibiu uma nova profissão. Acossadas pela fome saíram dos seus quartitos sem ar nem luz para venderem a quem passa o que muitas, as felizes, as que elas invejam, venderam ao casamento. A sua fotografia moral, é a fotografia de Ana, santificada por Tomás de Quincey, «sorrindo ao transeunte com lábios ingénuos e não procurando mais do que o necessário para comer no dia seguinte». Não têm modos provocantes, nem se dirigem a qualquer. Podemos tomá-las por honestas damizelas que um baile de hotel demorou um tanto e que regressam agora a seus lares. Nenhuma delas nos fita, nenhuma delas troca connosco olhares de memorial para entrevistas, nenhuma tem ademanos provocantes. Fitando-as, ajuntamo-las a outras mulheres que à nossa imaginação vagabunda agrada ver bonecas: às gueishas do Japão longínquo, sempre sorridentes sem preveridades, enamoradas do vôo das aves, vivendo em jardins de crisantemos e junquinhos, almas virginais, como virginais, da côr da neve, são as almas das flores de almendro — e guardando para suas saídas, para seus sorrisos, a graça alada de que é feito o encantamento de espírito. Todas elas profissionais da mentira do amor, não têm olhos para nos vêr. Passam a nosso lado como seguindo a rota da sua felicidade: caminhando além, sempre mais além, até uma meta que não alcançam nunca... ASSIS ESPERANÇA.



Au-
gus-
to

Sou-
ca-
saus



Trecho de procissão, composição de Augusto Soucasaux



A ESQUERDA—
Criança com um
anho, foto de Au-
gusto Soucasaux



A DIREITA — Au-
gusto Soucasaux,
o ilustre fotógra-
fo de arte, retra-
tado por San
Payo, seu mestre

PAGINAS DE ARTE DE

ILUSTRAÇÃO



Rei Édipo

I

O contínuo entrou no meu gabinete e disse-me:

—Preguntam por V. Ex.ª.

- Quem?
- O Rei Édipo.
- Não conheço.
- Ele diz que sim.
- Que quiere?
- Não sei. Parece-me que traz um original.

—Que espere. Estou ocupado. Quando estiver livre, chamarei.

Um quarto de hora depois, o Rei Édipo achava-se na minha presença.

Era um rapaz gordo, de cara redonda, sardento, de lábios grossos.

—Boa tarde, querido amigo—cumprimentou, estendendo-me a mão. Que tal vai isso?

—Menos mal... Com quem tenho a honra de falar?

O sujeito tinha-se já sentado, comodamente, *motu-próprio*, num *maple*.

—Então já não se lembra do Rei Édipo?

—Do pai de Antígona?

—Não, senhor. Eu sou aquele Rei Édipo que lhe mandou no mês passado umas poesias que o senhor não publicou. Respondeu-me duas vezes na sua *Caixa postal*, lembra-se?

—Ah, sim, sim; já me lembro.

—É bonito o pseudónimo, não é?

—Não é feio, não.

—Rei Édipo! Não lhe deu no gôto?

—Deu, deu...

—Na sua primeira resposta, dizia-me:

«A sua poesia, embora concebida numa cabeça coroadada, deixaria envergonhado um cocheiro de praça». Boa piada para os leitores.

—Pelo visto, vem pedir-me explicações, não é assim?

—Oh, não! O que me decidi a vir aqui foi a segunda resposta. Lembra-se, de-certo...

—Vagamente.

—Que desmemoriado! Dizia-me o senhor: «Renuncie duma vez para sempre a pulsar a lira. Aconselhamo-lo a que se dedique a outro officio.»

—E não está de acôrdo?...

—Estou; mas pretendo que o senhor me diga a que officio devo dedicar-me.

—Homem, eu sei lá!

—Oméssa!

O meu interlocutor olhou-me com assombro, quasi com indignação.

—Ah, isso não!—proseguiu. Tendo-me aconselhado, de modo tão categórico, a mudar de officio, o seu dever agora é orientar-me, compreendeu?

—Não muito bem.

Estendeu uma mão para a minha cigareira, tirou um cigarro, acendeu-o e explicou-se assim:

—O senhor fechou-me, por assim dizer, as portas do Parnaso, fazendo-me renunciar à carreira de poeta. E contraiu com isso certa responsabilidade no que respeita ao meu futuro.

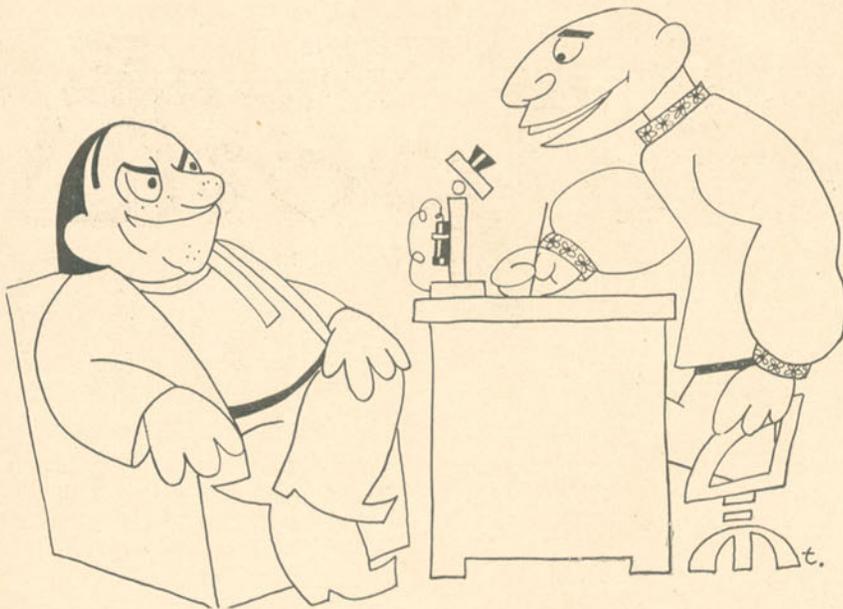
—Para o aconselhar—objectei, timidamente—na carreira que deve seguir, necessitaria conhecê-lo um pouco mais e saber do que é capaz.

—Sou capaz de tudo!

—Isso já é muito, amigo. É até perigoso. Devemos ser capazes duma coisa concreta. Qual é a sua carreira predilecta?

—A literária.





— Sim ; mas...
— Se não posso aspirar a ser um grande poeta ou qualquer coisa assim, aceitaria... — Rei Édipo reflectiu um instante — aceitaria, por exemplo, o cargo de secretário desta revista.
— Temos um.
— Não importa ; despede-se.
— Mas com que pretexto ?
— Ora essa ! É muito fácil despedir um secretário. Acusa-se de ter perdido um original importante, e pronto.
A idéia era genial.
— Pensarei nisso — disse humildemente.

II

Entrou no gabinete uma das nossas empregadas.
— Que há, Ana Nicolayevna ? — perguntou-lhe.
— Acabam de avisar da tipografia que a censura não deixa passar a poesia.
— Como ! Não sei porquê...
Rei Édipo ouvia-nos com visível interesse.
— Diz a menina — inquiriu — que a censura não permite?...
— Não permite publicar a poesia — respondeu, olhando assombrada para o monarca, Ana Nicolayevna.
O monarca calou-se um instante, tamborilando com os dedos na mesa, e disse :
— Bem ; deixe isso por minha conta. Diga ao gerente que não se preocupe. Eu falarei a Pedro Vasilievich.
Ana Nicolayevna, cujo assombro tocava o auge, olhou-me, como se quisesse perguntar-me : « Quem é este senhor ? » e safu.
— Pedro Vasilievich — esclareceu Rei Édipo, ao ver estampadas no meu rosto a estranheza e a perplexidade — é um dos meus melhores amigos. É o verdadeiro chefe da secção da imprensa. Essa poesia publicar-se-há. Passemos a outro assunto. Aonde compra o senhor o papel ? A como o paga ?
Satisfiz a sua curiosidade.
— Um amigo meu, Eduardo Pavlovich, pode-lho vender quinze por cento mais barato. Se me permite...
E sem esperar que eu lho permitisse, diri-

giu-se ao telefone e colou o auscultador no ouvido.

— Está lá ? 77-18 ! Obrigado ! Com quem falo ?... Olá, Eduardo ! Estás bom ?... Escuta : sou íntimo amigo do director da revista *Satirikon*, e quero que lhe forneças o papel, daqui em diante ; mas fazendo-lhe uma reduçõesinha. Como sabes, é um bom cliente !... Cinco por cento ? Não, não, quinze !... Não quero saber nada ; quinze, quinze e não me sejas miserável ! Tenho grande interesse !... Obrigado ! Receberás imediatamente um pedido. Porque não fôste ontem ao círculo ?... Uma aventura ? Ah, tratante !... Amanhã, às sete, para jantarmos juntos ? Magnífico ! Não faltarei. Adeus ! Vê lá bem isso do papel do *Satirikon*... Obrigado !

Dependrou o auscultador e sentou-se novamente.

— Está a ver ?... Esses quinze por cento supõem uma economia anual bastante considerável. Quanto papel gastam os senhores por ano ?

Respondi a esta nova pergunta.
— Representa, pois, uma economia de cinco mil rublos. Ou sejam, cinqüenta mil rublos cada dez anos, quinhentos mil cada século.

Inclinei a cabeça sob o peso daquelas cifras, embaraçado como um criminoso na presença dum juiz implacável.

III

Rei Édipo sentara-se na minha cadeira e tomava notas no seu *carne*.

— Vejo que não têm aqui anúncios de Bancos.

— Os Bancos — redargui — não se anunciam nas revistas satíricas.

— Porque não ? O do Estado, não ; mas os particulares... O da Sibéria, por exemplo... Quere ver ? Com licença...

Nova conferência telefónica.

— Está lá ? 12-14 ! Obrigado ! É do Banco Siberiano ? Queria falar com o director. És tu, Miguel ?... Que tal, essa saúde ? Como vão os negócios ? As mil maravilhas, não é assim ?... Um magnífico dividendo ? Parabéns !... Que ? Uma excursão às ilhas ? Não posso ; estou muito ocupado. Bem, bem, que te divirtas !... Ouve : quero pedir-te um fa-

vor. Manda amanhã um anúncio para o *Satirikon*... O director é o meu melhor amigo, e tenho grande interesse em ser-lhe agradável. Que não dais nunca anúncios a jornais satíricos ? E que tem isso ? Não há regra sem excepção... Tem que ser, tem que ser !... Como ?... Quinhentos rublos cada página... Um desconto ? Já é muito barato !

— Faça-lhe um desconto — disse a meu voz.

Voltou a cabeça e dirigiu-me um olhar de censura.

— Não se deve ser tão brando com estes sacos de ouro. Olha lá, financeiro ! Conta com o desconto de vinte por cento ! Não tens razão de queixa !... Quê ? Que agradeça ao director ? Bem ! Adeus !

Rei Édipo dependurou o auscultador.

— Disse-me que lhe apresente os seus agradecimentos.

— Não há de quê — respondi modestamente.

— Está vendo ?... Amanhã mandam-lhe o anúncio. Vem a tempo de sair neste número ?

— Muito a tempo.

Depois de sentar-se outra vez na minha cadeira, tirou outro cigarro da cigarreira e acendeu-o. Eu já não sabia bem qual de nós dois era o director da revista.

— E como andam cá de colaboradores ?

— Razoavelmente — respondi, com certo temor. Envia-nos, com frequência, escritores da primeira fila. Por exemplo...

Citei os nossos principais colaboradores.

— E Korolenko ? — interrogou, severo, o meu interlocutor. Korolenko não escreve no *Satirikon* ?

— Não ; não escreve nunca nos jornais satíricos.

— Ah, pois é preciso que escreva no *nosso*.

— Não me parece fácil convencê-lo.

— Deixe isso a meu cargo. Devemos publicar coisas suas, ainda que sejam de pouca monta. O que importa é a sua firma. Do que se trata é de que figure entre os colaboradores do jornal. Vou telefonar-lhe. Deve estar na redacção de *A Riqueza Russa*, que elle dirige, como o senhor sabe. Faça o favor de ver aí na lista o número do telefone.

Obedeci.

— 447-11.

— Obrigado. Está lá ? 447-11. É *A Riqueza*



deSPORTS

Russa?... Faça o favor de dizer a Vladimiro Ignatich que chegue ao telefone...

—Korolenko chama-se Vladimiro Galaktionich — permiti-me observar.

—Ah, sim? Como sempre o trato pelo diminutivo... Volodia... Com quem falo?... És tu, Volodia? Fixe? Sempre a escrever, não é assim? Como Frechkin, «escreves tôda a noite com a pena impregnada de vingança...». Devias escrever coisas mais frívolas... Que não te seria fácil publicá-las? Pela publicação, fico eu. Arranjo-te colaboração numa revista satírica, cujo director é íntimo amigo meu... Como?... É claro! Podemos adiantar-te algum dinheiro... Quê?... Tens um artigo inédito? Magnífico!... Setecentas linhas? É muito. Mas não importa; podemos reduzi-lo um pouco, não? Bom; manda imediatamente, e se nos agrada... Que me esperas amanhã? Bom; farei por ir. Adeus! Recomenda-me a Ana Evgrafovna e beija a Katia.

Rei Édipo tornou a sentar-se na minha cadeira.

—Bom; já figura entre os nossos colaboradores Korolenko, um dos nomes mais gloriosos da literatura russa. Setecentas linhas será muito, não? Ele deu-me licença para podarmos o que nos apeteça. Ainda que o artigo fique reduzido a metade, não se zangará. Sendo coisa minha...

IV

—Vejo que tem muito boas relações.

O meu interlocutor sorriu-se, lisongeadado com as minhas palavras.

—Não são más, não. Já sabe que, no que lhe puder ser útil, estou à sua disposição. Tenho amigos na banca, na literatura, na política, em tôda a prte. Convenho-lhe como secretário na revista? Responda com a mão sobre o coração.

—Seria uma grande honra para nós...

—Pois bem; quanto a mim...

—Mas como desembaraçar-nos do nosso secretário actual?... Acusá-lo da perda do original, como o senhor me aconselhou, parece-me um pouco...

O pretendente impôs silêncio com um gesto.

—Uma idéa! Vamos lá ver se lhe parece bem. Pode-se escrever uma carta, que êle julgue escrita pelo director de outra revista, oferecendo-lhe o cargo de secretário com um soldo muito maior do que êle tem aqui. Verá, assim, como se despede. Que lhe parece?

—Admirável, admirável! De acôrdo. Então, até amanhã!

—O senhor avisa-me pelo telefone, não é verdade?

—Isso é difícil.

—Porquê?

—Porque... A propósito: conhece o director da rede telefónica?

—O Vania? Somos como irmãos!

—Ah, sim? Que sorte! Há três dias que o meu aparelho não funciona, encontrando-me aqui incomunicado, isolado; o que me origina uma porção de 'transtornos e incómodos...

Rei Édipo olhou-me com assombro e indignação, como se tivesse sido vítima duma cruel perfídia.

NOTA A ABRIR

Malcolm Campbell, estabelecendo o novo «récord» mundial de velocidade em automóvel, realizou uma proeza que não é exagêro classificar de fantástica e nos deixa surpresos pela possibilidade de um resultado favorável. Percorrer por duas vezes uma distância de uma milha, a 395,379 km. de média, exige da parte do seu autor um tal desprezimento da catástrofe, um tão rigoroso domínio do gesto, uma tão instantânea execução de reflexos que confesso não saber qual admirar mais, se a perfeita construção da viatura, se a extraordinária constituição do homem. Note-se que Campbell realizou a sua proeza em condições desfavoráveis, sendo escassa a visibilidade; dominando os 1.450 c. v. do seu motor «Napier», lançou-se triunfalmente à conquista de um «récord» que já por quatro vezes fôra seu, sem contudo atingir o limite máximo de velocidade do carro, que está calculada em 420 a 450 km. por hora.

A maior dificuldade técnica consistiu na fabricação de pneumáticos capazes de suportar a formidável tracção de uma tão grande velocidade. Da sua resistência dependia a vida do condutor, pois não é difícil prever o que resultaria do mínimo incidente durante a corrida. Segundo os cálculos do fabricante a energia transmitida à roda atingia 247.800

—Então tôdas as minhas conferências telefónicas... — balbuciou.

Eu não respondi nada. Nem sequer me atrevi a agüentar os seus olhos, e baixei os meus. Acarçou-se do divan e acariciou, meditando, o coiro do respaldo; dirigiu-se, lento e cabisbaixo, à janela, levantou a cortina e olhou para a rua; atravessou duas ou três vezes, diagonalmente, num andar nervoso, desassocegado a estância; parou ao pé da mesa, pegou num fósforo que estava no cinzeiro, submeteu-o a um minucioso exame e deitou-o ao chão; depois entregou-se, durante quasi um minuto, à contemplação do tinteiro, que estava à direita da minha pasta, e mudou-o, suspirando, para a esquerda. Realizado êste acto misterioso, acariciou-se novamente do divan, voltou a acariciar o respaldo, pegou no chapéu e, sem dizer palavra, saiu.

E nós não mudámos de secretário.

quilogramas por minuto, bastando 15 segundos de marcha à velocidade máxima para aquecer o pneu à temperatura da ebulição da água.

Porhiosamente a Inglaterra gaba-se de possuir os três «récords» mundiais mais cubiçados, os da velocidade em terra, sobre a água (Ségrave, 159 km. à hora) e no ar (Orlebar, 575 km. à hora), utilizando productos da sciência mecânica e da indústria britânica, conduzidos por subditos britânicos.

«TAÇA DAVIS»

O torneio da Taça Davis, verdadeiro campeonato mundial de tennis, é seguramente o concurso internacional que cada ano maior número de países interessa.

Durante muitos anos pertença dos Estados Unidos, o glorioso trofeu está há 4 anos na posse da França que, por êsse motivo, é encarregada da organização do certamen.

Realizou-se há dias, em Paris, o sorteio das nações inscritas para a competição de 1931, cerimonia que vestiu a maior importância oficial; teve lugar no palácio do Eliseu, presidida pelo Presidente da República que fez a extracção do primeiro boletim, e na presença de todos os embaixadores interessados que, ao apêlo do seu país, extraíram o boletim seguinte.

O destino, como sempre, favoreceu alguns, mostrando-se severo para outros. Na zona chamada europeia o Japão é um fácil semi-finalista, enquanto na outra metade do quadro a Itália parece dever renovar o seu successo do ano findo, encontrando a dificultar-lho a Alemanha, África do Sul e Inglaterra.

LISBOA - PORTO

Tôdas as lutas desportivas entre representações lisboetas e portuenses revestiram, desde sempre, um interesse peculiar. «Football», atletismo, «basketts», natação, remo, deveram a esta cortex rivalidade os seus melhores triunfos.

Por isso merece uma especial menção o encontro de «rugby» que hoje se realiza no Pôrto, entre as selecções das duas cidades. Todos os desportos novos encontraram no Pôrto-Lisboa uma consagração definitiva, a primeira base para estabelecimento do seu progresso e popularidade.

Cabe agora a vez ao «rugby», jôgo essencialmente emotivo e variado, cujos propagandistas vêm alfim compensado o esforço dedicado de alguns anos de prática e difusão.

MOTORES

A CONQUISTA DO AR Os grandes dirigíveis

A maior empresa construtora de dirigíveis, a Goodyear Zeppelin Corporation, teve a sua constituição em 1923. Já antes, porém, em 1911, embora menos sólidamente instituída e sob diferente firma, a Goodyear se dava ao fabrico de balões. Balões leves, já se deixava ver, e aí por 1923 já eles começavam a ver-se inscritos na célebre taça Gordon Bennett.

Conbe ao conde Zeppelin a construção dos primeiros grandes dirigíveis rígidos, da qual a América soube, em breve, adquirir os direitos e os planos.

O engenheiro-chefe da Luftschiffbau-Zeppelin, o dr. Karl Arnstein, seguido dum lote de engenheiros alemães especializados na construção de dirigíveis, tomou a chefia técnica da nova grande companhia americana, no já mencionado ano de 1923.

A Grande Guerra tinha já dado um enormíssimo incremento à Goodyear, tão certo é que a necessidade obriga o homem a uma maior actividade e esforço mental. «A quelque chose malheur est bon». E assim é que à guerra muito deve a navegação aérea, que ela seja do princípio do mais leve, que do mais pesado que o ar.

A Companhia Goodyear forneceu aos aliados, durante o período da guerra, cerca de mil balões para observações aéreas e direcção do tiro de artilharia, e uns cem pequenos dirigíveis.

Firmada a Paz, continuou esta Companhia as suas construções de naves aéreas, satisfa-

zando encomendas do exército e marinha americanas. A seguir, e já sob a direcção do dr. Arnstein, veio a frota civil.

O primeiro barco aéreo construído com este fim foi o *Pilgrim*, de 56.000 pés cúbicos.

Seguiram-se o *Puritan*, o *Volunteer*, *Mayflower* e o *Vigilant*, até ao *Defender*, de 183.000 pés cúbicos, lançado ao ar em 20 de Agosto de 1929.

A capacidade destas naves foi, pois, sucessivamente aumentando, até aos 183.000 pés cúbicos do *Defender*. As suas dimensões foram também aumentando, naturalmente.

Assim, o *Pilgrim* (1925) tem 36 metros de longo por uns 10 de diâmetro, e é munido dum motor de 80 H. P., sendo o *Puritan* um pouco maior e com dois motores de 110 H. P.

O maior navio da esquadra civil, o *Defender*, foi concluído em Agosto de 1929 e baptizado pela aviadora Miss Amélia Earhart. As suas dimensões são 60^m,35 x 14^m,10 e o seu raio de acção de 1.000 milhas. O gaz que o eleva é o helium, de que os americanos são os detentores. (O helium, sendo apenas um pouco mais leve que o hidrogéneo, tem sobre este a enormíssima vantagem de não ser inflamável).

Com os seus dois motores e dois pilotos com duplo comando, transporta o *Defender* 8 a 10 passageiros.

Até 1 de Junho do ano passado, e segundo rezam as estatísticas, os dirigíveis Goodyear mantiveram-se no ar 7.875 horas, transpor-

tando 21.479 passageiros e cobriram a distância de 332.650 milhas em 9.735 vôos, sem o mais pequeno desastre pessoal.

Aos versados nos desportos náuticos, não devem ser estranhos os nomes que acima ficaram ditos, e pelos quais são designados os diferentes navios aéreos da frota da paz, americana.

Por eles têm igualmente sido designados os defensores da honra *yankce*, nas grandes regatas internacionais, onde, com menos honra embora, se tornou célebre uma marca inglesa de chá.

Apresentada aos nossos leitores a Companhia Goodyear-Zeppelin e tendo os mesmos tomado em conta o valor dos seus dirigíveis e seus principais feitos em serviço do comércio e do desporto, vamos dar-lhes uma sucinta descrição de duas potentes naves aéreas ao serviço da guerra, para que em conta possam ser tidos os seus terríveis efeitos destruidores.

Nada menos de oito milhões de dólares foram concedidos pelos governos dos Estados Unidos para a construção destes grandes cruzadores do ar, ou sejam no nosso débil papel moeda, cerca de 178.000 contos!

A construção destes monstros aéreos, foi começada em fins de 1928, e estará em breve concluída.

Serão designados por *Z R S. 4* e *Z R S. 5* e ficarão propriedade da Armada americana, sendo os maiores dirigíveis do mundo. A cubagem será de quasi o dôbro do *Graf Zeppelin* e cerca de 35 % maior que o *R 100*, inglês.

Comparadas com o *Graf Zeppelin*, que há tempos nos visitou, e o americano *Los Angeles*, as suas principais características, são as seguintes:

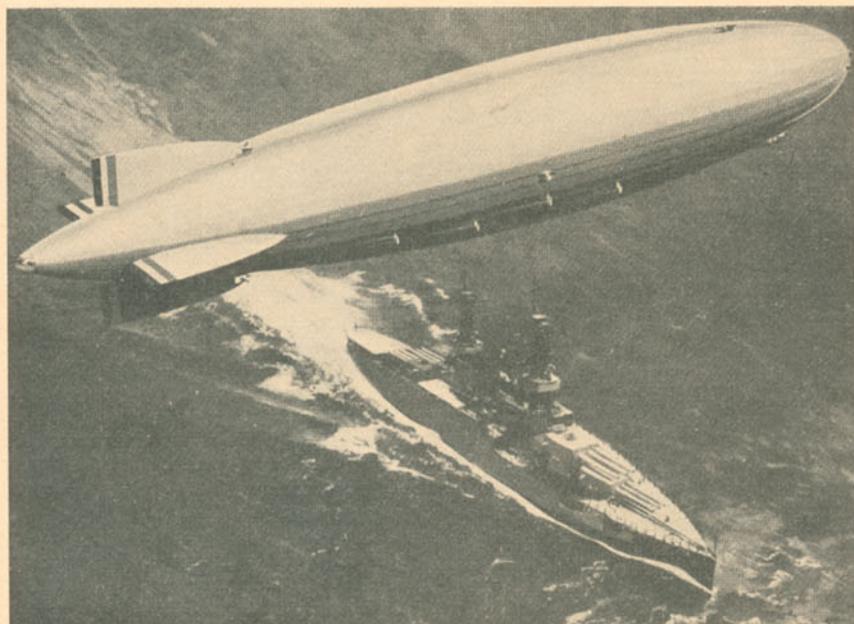
L. Angeles G. Zeppelin ZRS4

Cubagem, pés cúbicos . . .	2.470.000	3.700.000	6.500.000
Comprimento, metros . . .	200	236	24
Altura máxima, metros . . .	31	34	41
Diâmetro máximo, metros . . .	27	30	41
Número de motores	5	5	1
Força total em H. P.	2.000	2.750	4.400
Velocidade, milhas por hora	73	80	110
Raio de acção, milhas terrestres	4.000	6.125	10.000

Por estes dados se nota a tendência actual na construção de dirigíveis, consideravelmente mais bojudos que os anteriormente construídos. Nota-se que, ao passo que o *Z R S* tem apenas mais 4 metros de comprimento que o *G. Zeppelin*, a sua capacidade é quasi o dôbro deste.

A construção do *Z R S* é baseada nos princípios dos Zeppelins: esqueleto em metal rígido, balonetes contendo o gás, a cobertura exterior reflectora de calor.

Os balonetes são em número de doze, colocados entre os anéis metálicos. Estes são espaçados cerca de 22 metros uns dos outros; por meio das escadas de que são munidos, pode-se circular por toda a circunferência do



Um dos Z. R. S. voando sobre o grande couraçado «New-Hampshire»

dirigível; igualmente se pode transitar dum ao outro extremo, pelos corredores triangulares, no interior d'este navio aéreo. A inspecção interna é assim muito facilitada. Estes corredores são em número de três, um no tópo do dirigível e ao centro da linha d'este; os outros dois ficam na parte inferior, correndo simetricamente, a cerca de 45 graus da vertical.

Toda a estrutura d'estes dirigíveis, é em duraluminium de nova liga.

Como o gás se dilata ou contrai com as mudanças de altitude, temperaturas e consoante as pressões atmosféricas, foi rigorosamente calculado o máximo grau de inflação, para que os balonetes tenham a capacidade necessária à quantidade de gás, na sua dilatação máxima.

A-pesar disto, e prevendo o caso duma demasiada dilatação de gases, por circunstâncias excepcionais, é cada reservatório munido de válvulas, funcionando automaticamente à pressão exercida, e ainda outras há sob o contróle dos pilotos.

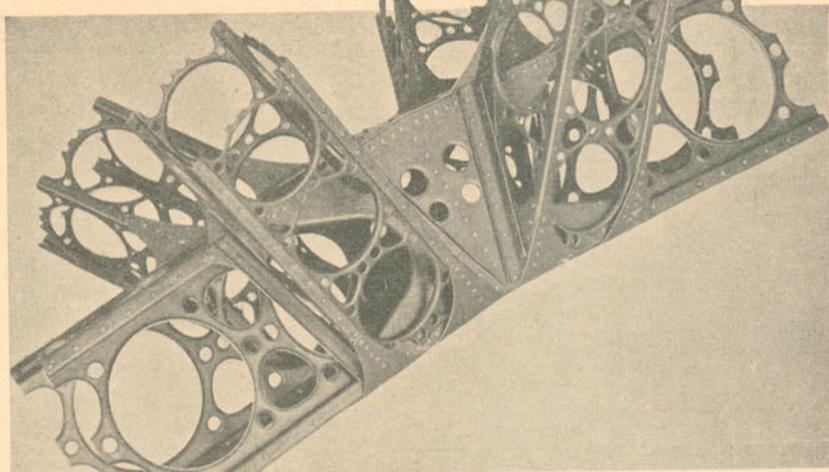
Aproveitando uma das grandes vantagens do helium, a sua qualidade de inflamável, podem os motores ser colocados no interior da nave aérea, ao contrário da construção europeia em dirigíveis cheios de hidrogéneo. Apenas as hélices ficam de fora; estas produzem movimento de marcha para a frente ou para trás, podendo também tomarem várias posições até 90°, o que grandemente facilita o erguer da nave e a sua aterragem.

Outra engenhosa inovação, no sentido dum constante equilibrio no péso, consiste na condensação dos gases do escape, à medida que a essência dos motores se vai consumindo. Sabido é que a combustão da gasolina, devido ao oxigénio da atmosfera, contém vapores de água em grande quantidade. O aproveitamento d'estes vapores em condensação, dá ao dirigível um lastro que ainda se torna precioso, no caso de incêndio.

(No Zeppelin alemão, os motores são alimentados a um gás, de péso igual ao gás atmosférico).

Cada um d'estes dirigíveis transporta cinco aeroplanos. O que constitui uma das mais curiosas inovações, é o facto d'estes aeroplanos poderem sair ou entrar, em pleno vôo

Detalhe da estrutura metálica dum dirigível americano



do dirigível, aumentando-lhe o valor como navio de exploração e sendo-lhe de preciosa ajuda, no caso dum ataque por parte de aeroplanos ou dirigíveis inimigos.

Tanto o Z R S 4 como o Z R S 5, podem facilmente ser adaptáveis ao serviço de passageiros e transporte de malas de correio. Qualquer d'estes navios do ar pode acomodar uns 100 passageiros, com todo o moderno conforto; cabines com dois leitos, salas de estar, salão de jantar, cozinha, *toilettes*, longos corredores para passeio, etc., etc., até mesmo uma sala de fumo, que tanta falta fez a certos passageiros do *Graf Zeppelin*, na sua recente travessia do Oceano!

Para guardar semelhantes monstros, está sendo construído um *hangar*, que ficará sendo a maior garage de dirigíveis, entre as de todo o mundo.

Algumas das suas dimensões:
Comprimento total — 358 metros.
Largura — 100 metros.
Altura máxima — 65 metros.

Lembrando que a nossa Avenida da Liberdade tem 80 metros de largo e o ascensor de Santa Justa uns 50 de alto, faremos melhor idéa das dimensões d'este edificio, cujo volume será de cerca de 19 milhões de metros cúbicos e cuja superfície de 111 mil metros quadrados, é a maior área coberta, em todo o mundo.

Londres-Cidade do Cabo em 4 dias

O comandante Glen Kidston, das forças navais inglesas, acaba de realizar uma formidável *performance*, revelando as estupendas qualidades do seu motor *Lockhead Vega*, equipando um monoplano todo metálico. O grande desportista britânico, partindo do aerodromo de Croydon, Inglaterra, atingiu a Cidade do Cabo em quatro dias de vôo. É uma das grandes proezas da aviação e a-pesar de se tratar dum motor potentíssimo e de um aparelho de grande ráio de acção, revela uma resistência formidável da parte dos materiais empregados e do piloto pois que o *raid* foi resolvido em velocidade e em grandes etapas, sem outra interrupção que não fôsse a das tomadas de gasolina e óleo e um ligeiro repouso do único piloto.

Efectuada há duas semanas, esta singular proeza, vem coincidir com a fantástica viagem da avioneta ligeira de Carlos Bleck e Humberto Cruz, os nossos compatriotas para quem, neste momento, vão as nossas homenagens.

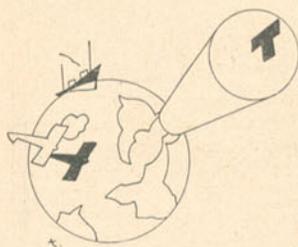
Kay Don, o homem que succede a Segrave

Não esquecem as circunstâncias trágicas em que perdeu a vida o desventurado major Segrave, ao bater o *record* de velocidade sobre a água, no seu *Miss England*. Tripula agora o famoso barco o piloto Kay Don, que foi o mais directo rival de Segrave e que já bateu o *record* d'este. O grande corredor acaba de passar em Lisboa, caminho da Argentina, onde vai exhibir o seu barco na grande Feira das Indústrias Británicas. *Ilustração*, deseja ao grande motorista mais uma série de grandes triunfos na América do Sul.



O aeroplano de Glen Kidston, depois do *raid* Londres-Cidade do Cabo (Foto Orrios)

T.S.F. HISTORIANDO



HERTZ, em 1888, publicou uma série de experiências confirmando a existência de ondas electro-magnéticas previstas teoricamente por Maxwell.

O emissor que Hertz utilizou nas suas experiências era formado por duas esferas ligadas aos dois bornes de uma bobine de indução e o receptor era formado por um anel de cobre apresentando um corte cujas pontas ficavam a uma distância micrométrica.

Tôdas as faixas produzidas no emissor determinaram uma onda electro-magnética que se reproduzia entre as pontas do anel de cobre, e a distância entre o emissor e o receptor chegou a ser de 40 metros.

Em 1884 o professor do Liceu de Fermo, Itália, Calzecchi-Onesti, publicou três memórias sobre as propriedades dos tubos de limalhas metálicas como detectores de ondas electro-magnéticas, mas em 1890 o dr. Eduardo Branly chamava a si a paternidade da descoberta do tubo de limalhas como detector.

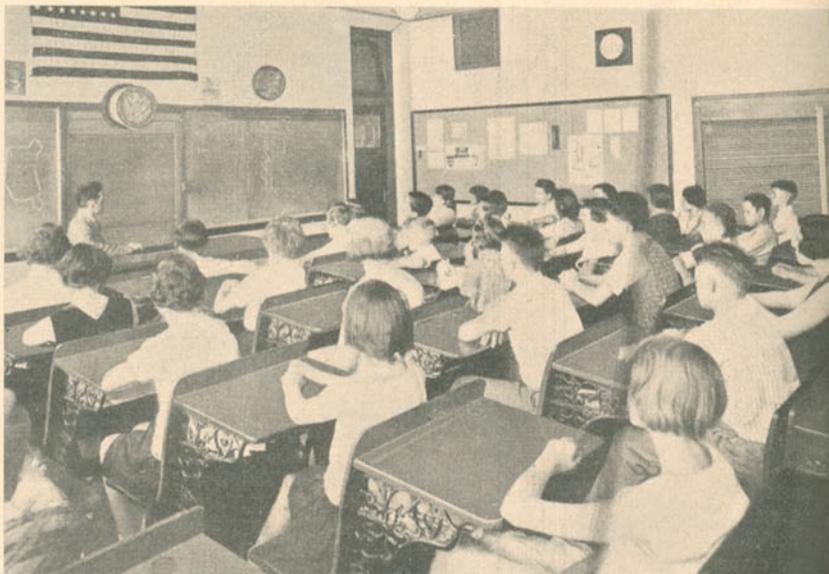
A experiência não tinha explicação científica, até que, em 1894 vários físicos ingleses e suíços mostraram que a excitação do tubo de limalhas era devida às ondas descobertas por Hertz.

Lodge, explicou, notar, então, um aumento de condutibilidade pela produção de minúsculas faixas entre os grãos de limalha, dando ao tubo o nome de «coésor» a que o dr. Branly propôs denominar «radiocondutor» a toda

a substância onde a condutibilidade é modificada pelas ondas.

O sábio sérvio-americano Nikola Tesla publicou em *La Lumière électrique* de 19 de Agosto de 1893 uma memória concebendo a

sicas e Naturais de Bordeaux, transmitindo sinais do código Morse a distância de 25 metros através de quatro muros de 0,50 metros de espessura com o emissor Hertz e um receptor formado por um auscultador telefô-



Uma aula de radiotelegrafia numa escola americana

transmissão de sinais por meio duma antena excitada por uma fonte de electricidade a alta frequência e ligada na outra extremidade à terra. Foi esta a base que pouco tempo depois serviria.

No ano seguinte, 1894, um jovem funcionário dos Correios e Telégrafos de Bordeaux, A. Turpain, actualmente professor da Faculdade de Ciências de Poitiers, em presença dos membros da Sociedade de Ciências Fís-

nico ligado a um anel com o circuito fechado em série com aquele.

Quanto a nós, foi este o Colombo da T. S. F.

Marconi tornou práticos os elementos existentes.

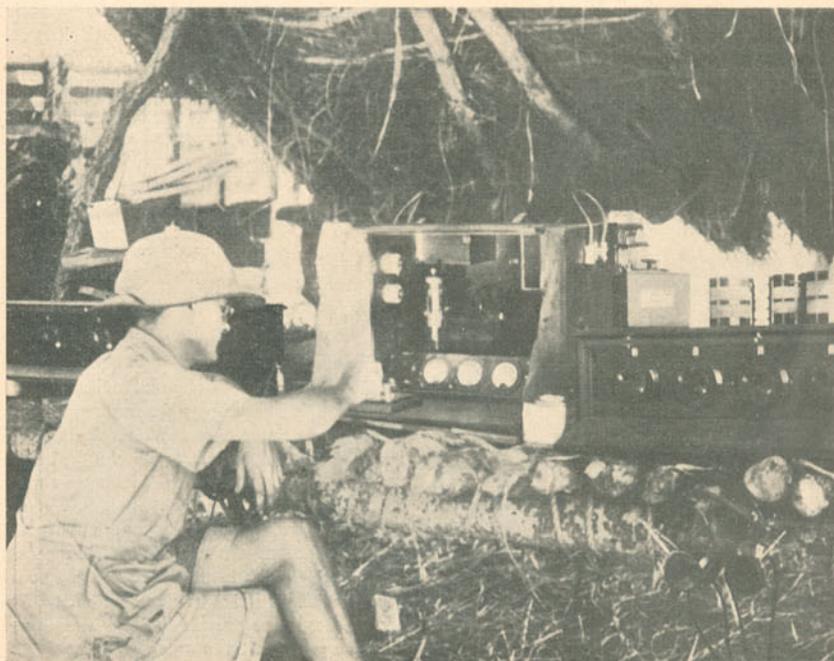
Como seria possível Wright fazer o primeiro voo de aeroplano se não existissem motores? E estes como podiam existir sem o carburador?

Foi em 1895, que Guilherme Marconi, então aluno do célebre professor Righi, na Universidade de Bolonha, entusiasmado com as demonstrações deste sobre as propriedades das oscilações eléctricas, instalou numa villa de seu pai, um emissor Hertz e um detector de limalha a que Marconi chamava «tubo de Branly», mas como o receptor não lhe permitia receber mais que alguns metros, lembrou-se de ligar uma das extremidades do circuito secundário da bobine de indução a uma placa ligada à terra e a outra extremidade a um vaso metálico formando capacidade entre este e a extremidade de uma vara metálica verticalmente colocada. Como receptor intercalou o tubo de limalha entre uma placa ligada à terra e um condutor isolado, e, pela aplicação no transmissor dum recipiente metálico de 1.000 litros colocado a 8 metros de altura verificou que os sinais eram recebidos a 2.400 metros.

Desta forma, a 27 de Março de 1899, fez atravessar a Mancha por ondas electro-magnéticas com mastros de 45 metros de altura.

A antena também não era original de Marconi.

Popoff, que dirigia um observatório meteorológico na Rússia, já adoptara em 1895



Um explorador africano com o seu inseparável posto de T. S. F.



LOCUTORES PORTUGUESES — Fernando de Medeiros, «Posto rádio-telefónico de Lisboa C T-1 B M»

o pára-raios, formando antena, para registar as descargas atmosféricas, isto é, já recebia ondas electro-magnéticas por meio de antena e coésor.

A T. S. F. evoluiu mais rapidamente que qualquer outra ciência.

Edison, Fleming e De Forest descobriram e aperfeiçoaram de tal forma a lâmpada de dois e três eléctrodos que tornaram possível a telefonia sem fio.

Depois vieram as dúvidas sobre as frequências mais eficazes.

Enquanto os mestres da rádio orientavam as construções de potentíssimas estações com comprimentos de onda larguíssimos os amadores, como Leon Deloy, com o auxílio do conhecido técnico Pierre Louis atravessavam

o Atlântico dispendo apenas de 250 watts e utilizando o comprimento de onda de 100 metros.

Abismados, aqueles, no meio da erecção das grandes estações de 500 quilowatts, breve concluíram que o problema estava resolvido com as ondas muito curtas e em lugar de colossais fábricas de energia eléctrica apareceram então minúsculas estações que asseguraram as comunicações inter-continetais.

A RADIO NOS COMBOIOS

Dentre as applicações da rádio-telefonia merecem especial menção as comunicações feitas entre os passageiros de um combóio em marcha e os postos fixos.

Embora nem todos os sistemas tenham dado o resultado desejado alguns conseguem atingir o fim em vista.

Uma das maiores dificuldades reside na trepidação de um rápido em marcha.

Tem merecido especial estudo o comprimento da onda a adoptar e até há pouco apenas se tinham utilizado as ondas médias.



LOCUTORES PORTUGUESES — Filipe da Fonseca Neves, «Aqui, Hertziana, C T-1 B O, de Lisboa»

aos três partidos políticos — liberais, católicos romanos e socialistas foi permitido fazer igual número de horas de emissões na estação de Bruxelas.

Na primeira emissão do partido socialista o concerto abriu com o canto da Internacional.

Os jornais liberais e católicos protestaram e, na quinta-feira, 12 de Fevereiro, quando se dava início à «Noite italiana», pouco depois de ser cantada a Internacional, rebentou uma bomba nos estúdios da emissora, destruindo uma parte d'êles, felizmente sem desastres pessoais.

ÁLVARO CONTREIRAS



LOCUTORES PORTUGUESES — António Laranjeira, «Aqui... Rádio Porto!»

Há pouco, o amator francês, 8 K.W., obteve autorização para fazer experiências de ondas curtas no rápido Paris-Brest obtendo os mais surpreendentes resultados.

Desde a partida da «gare» de Montparnasse às 15,30 até à chegada a Brest às 23,31 e no regresso manteve-se em constante ligação com uma estação dos telégrafos nos arredores de Paris, emitindo em 76 metros, a-pesar dos inúmeros túneis que atravessa.

Dias depois repetiu a mesma experiência no rápido Paris-Havre com resultados ainda superiores.

Os emissores Hartley e Mesny são alimentados por uma geradora especial de 2.000 volts, 800 milis.

Esta máquina é movida por um motor de corrente contínua de 40 volts e esta corrente é fornecida por uma bateria de acumuladores de 300 A. H. carregada pela marcha do combóio por uma geradora acoplada ao veio duma carruagem.

Por um recente regulamento, na Bélgica,



LOCUTORES PORTUGUESES — Adriano Lopes Vieira, «C T-1 A A de Lisboa, Portugal»



LOCUTORES PORTUGUESES — Tiago de Aguiar, «Rádio Madeira, C T-3 A G»

A MOEDA ENFEITIÇADA

Estendam sobre a mesa uma folha de papel branco. Sobre esta deitem uma moeda, que tanto pode ser de um escudo como de cinqüenta centavos. Tenham pousado sobre a fôlha de papel branco um copo, dos de água, com a borda virada para baixo, ao lado mas não em cima da moeda.

E agora, apenas a uma palavra de comando, poderão fazer com que a moeda desapareça e torne outra vez a aparecer.

Deitam um guardanapo sobre o copo e agarram neste, assim coberto pelo guardanapo, e põem-no em cima da moeda, dizendo, ao mesmo tempo: «Some-te!». Em seguida levantam o guardanapo de cima do copo e, com espanto geral, a moeda tem desaparecido.

Tornam, então, a deitar o guardanapo sobre o copo e levantam este, com guardanapo



e tudo. Lá está, outra vez a moeda, no mesmo lugar em que estava ao princípio!

Como é isto feito? Vamos dar-lhes a explicação:

Peguem numa folha ou duas de papel de escrever, branco. Coloquem um copo, com a bôca para baixo, sobre uma das folhas; com um lapis tracem um risco em volta da borda do copo e recortem depois o círculo de papel. Terão assim um disco de papel, exactamente do tamanho da bôca do copo. Com um bocadinho de goma prendam esse disco, ligeiramente, às bordas do copo. Quando colocam este sobre a moeda, ela fica escondida pelo disco branco. Levanta-se o copo e a moeda torna a aparecer. A cerimónia do guardanapo é apenas para disfarçar e não deixar ver, ao levantar o copo, que este tem um papel colado.

Ela (chorando):—Não me deixas fazer nada do que eu quero! Se isto assim continua, vou para casa de meus pais.

O marido:—Lá isso deixo-te eu fazer.

O RHINOCERONTE

(Solução)



Aqui está a figura do rinoceronte, depois de recortados e devidamente ajustados uns aos outros os oito pedaços pretos.



NA AULA DE GEOMETRIA

O professor:—Explique-nos o que é um triângulo rectângulo.

O aluno:—Perdão! eu venho aqui para aprender geometria, não venho para ensinar aos outros.

—Quer-me servir de testemunha?
—Em alguma questão de honra?
—Não, numa questão de dinheiro: trata-se do meu casamento.

Tia (zangada):—O que faria o teu pai se te apanhasse a fumar?

O sobrinho:—Zangava-se deveras, porque os cigarros são d'êle.

HUMORISMO MUNDIAL

O sândico de uma casa de negócio que quebrara, está efectuando um inventário, e diz ao escrevente:

—Aponte lá uma garrafa de vinho do Pôrto.

O empregado destapa a garrafa, cheira-a e diz:

—Desculpe, o senhor. Não é vinho do Pôrto.

—Não é?

—Não, senhor. É da Madeira.

Dez minutos depois da discussão, o sândico torna a dictar:

—Aponte lá uma garrafa... vazia.

■ ■

Primeira amiga:—E foi então um caso de amor à primeira vista?

Segunda amiga:—Absolutamente! A primeira vez que o vi no seu Rolls-Royce.

■ ■

VERDADEIRA SOLIDÃO

Lê-se na quarta página dum jornal suíço: «Wierbach, no Oberland do cantão de Berne, é o lugar predilecto de tódas as pessoas que apreciam a solidão. Aflui ali gente de tódas as partes do mundo».

■ ■

O prelector ia-se entusiasmando à medida que falava e chegou a este rasgo eloqüente da sua exposição:

«O homem, como temos visto, é um ente progressivo, mas muitas outras criaturas são estacionárias. Olhem o burro, por exemplo: sempre e em tóda a parte o burro é a mesma criatura. Nunca vistes, e nunca haveis de ver, um burro mais perfeito do que estais vendo presentemente.»

■ ■

Ele:—Tóda a mulher, sem excepção, contradiz.

Ela:—Isso lá não é verdade.

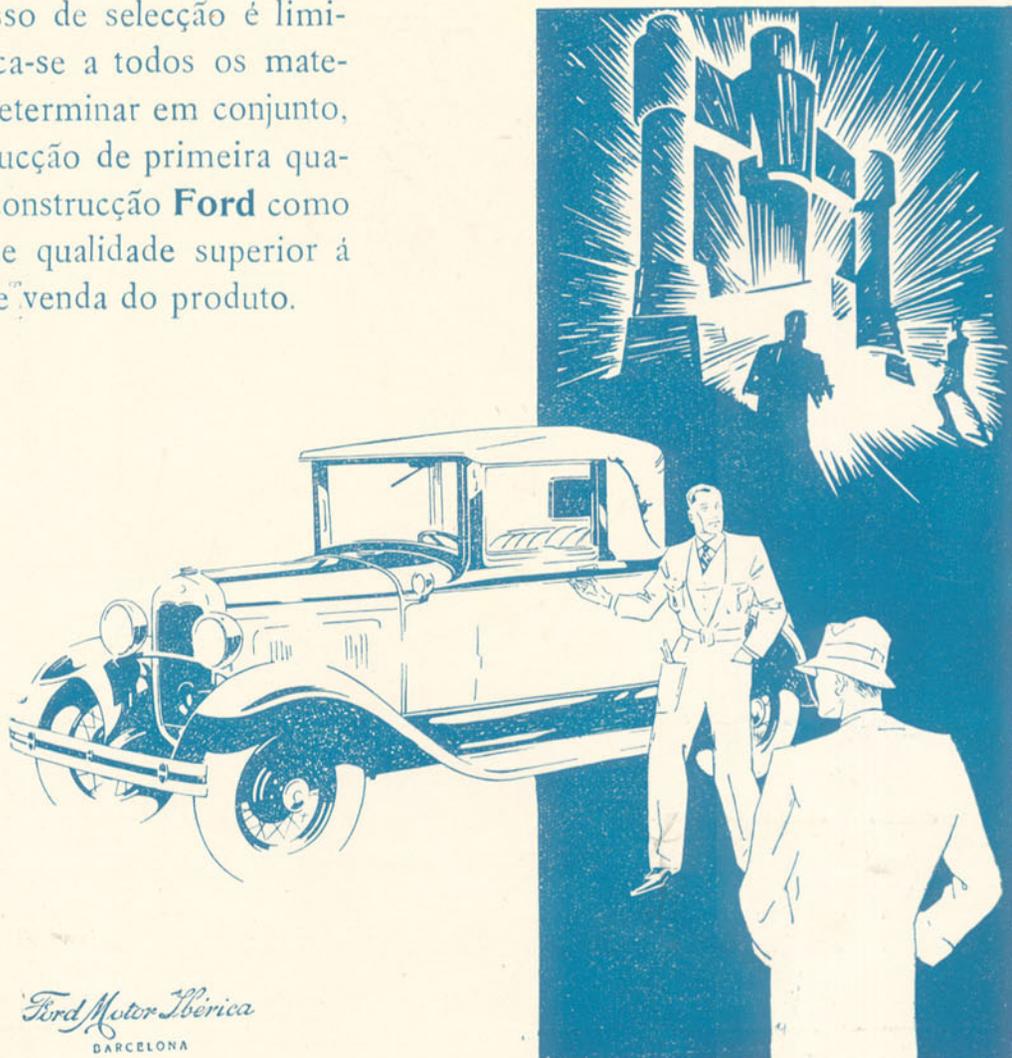
NA EXPOSIÇÃO DE PINTURA



O cavalheiro, de vista curta, diante dum espelho:—Este retrato faria-se de ser ridículo. Nunca vi nada tão rãto, na minha vida!

MATERIAIS DE PRIMEIRA QUALIDADE

Na construção do automóvel **Ford** entram quarenta e três classes distintas de aço. Uma classe especial para os atritos e esforço a que fica sujeita cada peça em particular. Este processo de selecção é limitado e aplica-se a todos os materiais para determinar em conjunto, uma construção de primeira qualidade — a construção **Ford** como prototipo de qualidade superior á categoria de venda do produto.

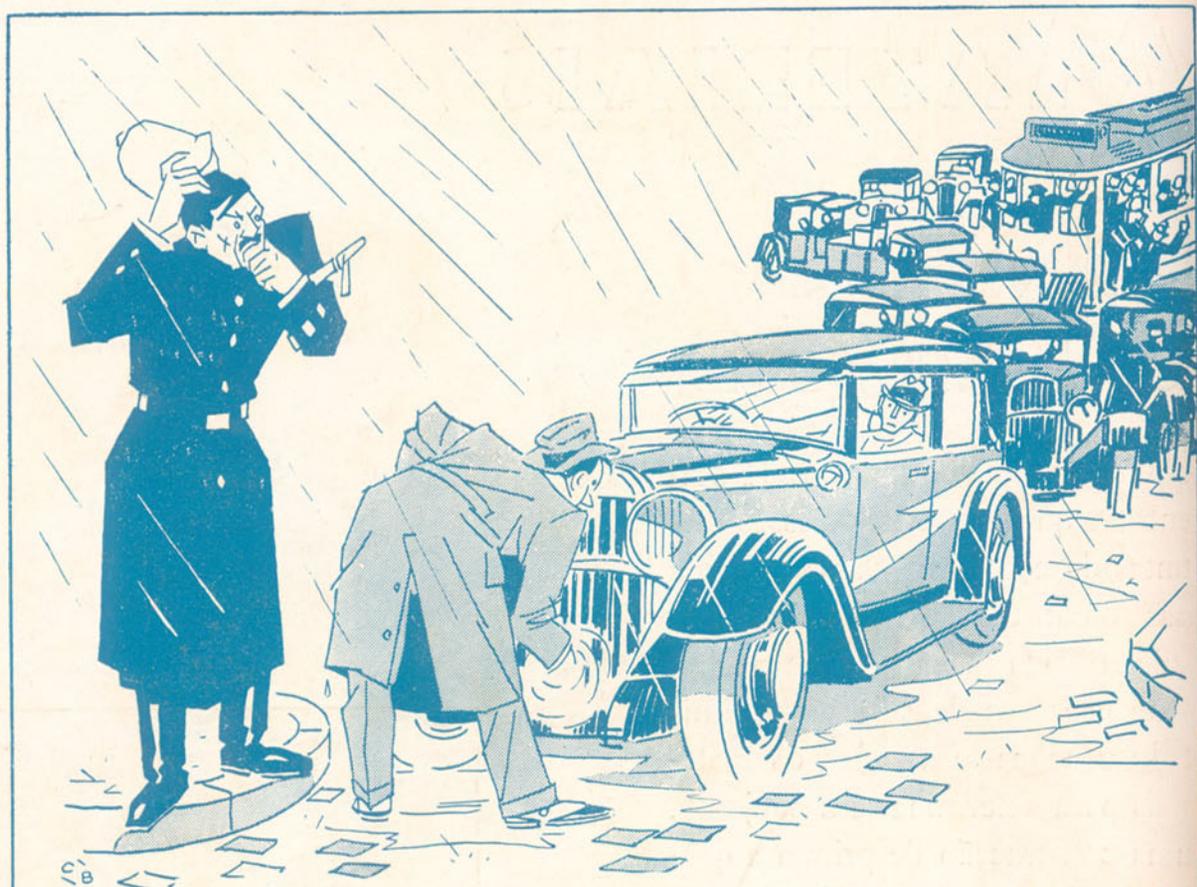


Ford Motor Ibérica
BARCELONA

LINCOLN



Fordson



Não se mace
nem mace os
outros
Use
Auto-Gazo
Vacuum Oil Company

Fabricantes dos Oleos Gargoyie Mobiloil